



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO MEMORIALISTA DO
RÁDIO EM POMBAL – PB (1940 – 1980)**

FRANCIMARIO SALES RUFINO

CAJAZEIRAS-PB
2017

FRANCIMARIO SALES RUFINO

**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO
MEMORIALISTA DO RÁDIO EM POMBAL - PB (1940 – 1980)**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura
Plena em História, da Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Formação de
Professores, Unidade Acadêmica de Ciências
Sociais, como parte dos requisitos para a obtenção
do título de graduado em História.

Orientadora: Dra. Ana Rita Uhle

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

R926h Rufino, Francimario Sales.
Histórias e memórias: uma análise da produção memorialista do rádio em Pombal-PB (1940-1980) / Francimario Sales Rufino. - Cajazeiras, 2017.
60f.: il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Rita Uhle.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2017.

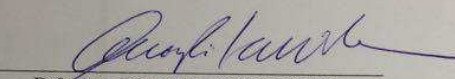
1. Radiocomunicação - memória. 2. Rádio - Pombal-PB. 3. Rádio - história - Pombal-PB. I. Uhle, Ana Rita. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

FRANCIMARIO SALES RUFINO

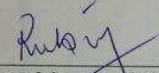
**HISTÓRIAS E MEMÓRIAS: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO MEMORIALISTA
DO RÁDIO EM POMBAL – PB (1940 – 1980)**

BANCA EXAMINADORA


Aprovada em 09 / 10 / 2017



Dr. Ana Rita Uhle (UFCG/CFP)
Orientador (a)



Esp. Rubismar Marques Galvão (UFCG/CFP)
1º Examinador (a)



Dr. Israel Soares de Sousa (UFCG/CFP)
2º Examinador (a)

Dr. Rodrigo Ceballos (UFCG/CFP)
Examinador Suplente

**CAJAZEIRAS-PB
2017**

Dedico!

*Aos meus familiares, amigos e colegas que ajudaram que
contribuíram com esse trabalho.*

AGRADECIMENTOS

A professora Ana Rita Uhle, por sua orientação firme, determinada e amiga durante o período de construção desta monografia, além da sua intelectualidade que foi determinante para a elaboração deste estudo.

Devo um agradecimento especial aos professores Francisco Firmino (Neto) e Rosilene Melo, que acreditaram no meu trabalho durante as disciplinas de projeto de pesquisa, incentivando e acreditando na temática, tecendo importantes ponderações críticas e conexas.

Agradeço a minha família, nas pessoas de minha mãe, Maria de Fátima Sales Rufino e meu pai, Francisco de Sousa Rufino. Exemplo de vida e superação e que muito me honra tê-los como espelhos, sobretudo, não mediram esforços para a conclusão do curso. A meu irmão Fagner Rufino.

Não poderia deixar agradecer aos meus bons, velhos e verdadeiros amigos, por todo apoio, onde nos momentos em que mais precisava sempre estiveram ao meu lado, André Queiroga, Jéssika Linhares e Marvin Brito.

Aos meus colegas de turma, em especial Eliana Bento, Eveliny Cezário, Leandro Rogélio e Alex Dionizio, que ao longo da graduação sempre estivemos juntos e nunca desistiram de mim, e que sem o apoio deles jamais conseguiria obter o êxito. Abro parênteses e estendo o sentimento aos colegas de curso Larissa Daniele, Ewerton, Greyce Kelly, Jessica Naiara e tantos outros que a gente encontra durante a longa caminhada e que num total faz toda a diferença.

A todos os professores do curso história que no processo de minha formação consegui absorver marcas e experiências de cada um.

Aos meus tios e primos, Doralice e José marcos, Joana Darck, Thiago Rufino e Danilo Nobre.

Agradecer a todos que de alguma forma contribuiu com a minha formação acadêmica ao longo da minha trajetória.

RESUMO

O presente estudo monográfico tem por objetivo analisar as histórias e memórias do rádio em Pombal, no sertão da Paraíba, a partir da produção memorialista entre as décadas de 1940 a 1980, do século XX, discutindo alguns aspectos do cotidiano da cidade apontados pelos memorialistas locais, durante um momento em que ocorrem importantes transformações dos espaços urbanos do Brasil e do mundo. Considerando que a modernidade e o avanço tecnológico provocaram profundas alterações na dinâmica social e rítmicas no modo de vida do ser humano, impulsionando novos hábitos, costumes e experiências. São narrativos e relatos, disponibilizados na obra Histórias do rádio em Pombal (2014) do radialista e escritor Clemildo Brunet de Sá, que geralmente versam sobre a própria vida, diante da influência e participação do rádio. Desta forma, buscamos entender como a esta forma de produção do conhecimento ajuda a construir uma visão sobre os diferentes passados da cidade.

Palavras-Chave: Modernidade; Produção Memorialista; Rádio.

LISTA DE IMAGENS:

- IMAGEM 1: Localização Geográfica de Pombal. Fonte: IBGE.....19
- IMAGEM 2: Primeiro Motor de luz de Pombal, instalado no ano de 1927. Prefeito Sá Cavalcanti e funcionários da empresa. Fonte: Arquivo de Verneck Abrantes de Sousa.....20
- IMAGEM 3: Fotos das autoridades locais na inauguração do motor de energia elétrica de Pombal, no início do século XX, localizado na estação da Luz Municipal. Entre as autoridades está o prefeito Sá Cavalcanti. FONTE: Acervo de Venerck Abrantes de Sousa.....20
- IMAGEM 4: Praça Getúlio Vargas construída entre os anos de 1938 a 1940, localizada no centro da cidade de Pombal. Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa.....21
- IMAGEM 5: Fotografia do disco 78 RPM, do compositor e músico brasileiro, Waldyr Azevedo, da marca Continental, sob a numeração: 16.050-B, Intitulado, Brasileirinho - choro, gravado entre os anos de 1949 e 1950. Imagem capturada no dia 07 de dezembro de 2016. ACERVO: Francimario Sales Rufino.....24
- IMAGEM: 6: Projeto de som do Lord, na Praça do Centenário. Ao fundo da imagem está o prédio histórico da A.E.U.P. Onde atualmente funciona o Bar Centenário, ponto de encontro entre amigos e conhecidos. Disponível em <<http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/search?q=LORD+AMPLIFICADOR>> Acessado em: 25/05/2017....26
- IMAGEM 7: Imagem, possivelmente, de um dos pontos do Lord Amplificador, instalado no prédio da Coluna da Hora, no centra da Cidade. Disponível em: <<http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/search?q=LORD+AMPLIFICADOR>>. Acessado em: 25/05/2017...27
- IMAGEM 8: Clemildo Brunet de Sá. Foto: Arnóbio Costa e Josivan Gomes. Disponível em: <<http://www.al.pb.gov.br/11285/alpb-entrega-medalha-merito-jornalistico-clemildo-brunet.html>> Acessado em: 25/05/2017.....34
- IMAGEM 9: Homenagem ao Lord Amplificador. Disponível em: <<http://clemildo-brunet.blogspot.com.br>>. Acessado em: 24/05/2017.....41
- IMAGEM 10: Imagem da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Pombal, Paraíba, o único sistema de alto-falantes da cidade em funcionamento. Fotografia tirada da Praça Getúlio Vargas, no dia 13 de março de 2017, disponível em meu arquivo pessoal.....48
- Imagem 11: Imagem das caixas de som instala em poste no centro da cidade de Pombal, este sistema pertencente a Rádio Comunitária 104 FM, localizado próximo a Praça Getúlio Vargas. Imagem capturada no dia 13 de março de 2017.....53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	9
CAPÍTULO I	11
1-O RÁDIO EM POMBAL, NO SERTÃO, SUA IMPORTÂNCIA, O SURGIMENTO.	11
1.1 - Modernidade: algumas reflexões.	11
1.2 – O processo de modernização no Brasil.....	13
1.2.1 – O caso da região sul: São Paulo.....	14
1.2.2 – O caso da região norte: Campina Grande-PB.....	15
1.3 - Pombal moderna: a cidade sob a perspectiva das transformações.	17
1.4 - O início do rádio em Pombal-PB.	22
1.5 - Breve contextualização sobre o surgimento do rádio no Brasil.	27
CAPÍTULO II	31
2-AS MEMÓRIAS DO RÁDIO A PARTIR DOS MEMORIALISTAS LOCAIS.	31
2.1 – Memórias históricas e literárias: uma reflexão sobre produção memorialista.	31
2.2. - Memorialismo e histórias do rádio: a produção.	32
2.2.1 – Os primeiros anos do rádio: versões ou contradições?.....	34
2.2.2 – As tensões políticas locais e a participação do rádio.....	36
2.2.3 – Lord Amplificador: saudade, histórias e memórias.....	40
2.2.4 - Vozes do rádio: encantos e admiração.	44
CATÍTULO III	46
3-O RÁDIO NA ATUALIDADE EM POMBAL	46
3.1 – A função social do rádio.....	46
3.2 – Dos sistemas de alto-falantes a atuais emisoras fms.....	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	56

REFERÊNCIAS:	58
---------------------------	----

INTRODUÇÃO:

O presente estudo monográfico, intitulado histórias e memórias: uma análise da produção memorialista do rádio em Pombal (1940 – 1980) tem por objetivo mostrar as memórias e histórias da cidade, nas primeiras décadas do século XX a partir do rádio, enfatizando alguns aspectos e fatos importantes apontados pelos memorialistas locais, momento no qual as transformações estavam se configurando cada vez mais acentuadas nos espaços urbanos, fruto de um processo de modernização desencadeado no país, entre o final do século XIX e início do século XX. Neste sentido, entendemos o rádio com sendo parte desse conjunto de transformações decorrentes no mundo.

Contudo, antes de iniciarmos as discussões relacionadas ao rádio e a produção memorialista, esse estudo apresenta um diálogo que versa sobre a vida moderna, destacando o conceito de modernidade. Neste sentido, o contraste de leituras nos permite identificar e compreender a dinâmica social, ritmos e contradições que, fortemente marcam e transformam a vida do ser humano. Nesta perspectiva, podemos analisar a complexidade existente na construção do mundo moderno, sobretudo, no processo de urbanização das cidades e no avanço tecnológico que, ao longo dos últimos tempos tem se configurado cada vez mais presente em nossa vida.

O nosso estudo passou a ser construído mediante a inquietação de buscar conhecer melhor a história do lugar que vivenciamos diariamente, a cidade de Pombal. Considerando o estudo do rádio uma possibilidade de conhecer o contexto histórico local da cidade e do rádio. Neste sentido, acreditamos que o rádio, desde o seu surgimento, participou ativamente da construção social do Brasil, e, ao longo do tempo se consolidou como um dos mais importantes veículos de comunicação de massa que o mundo já conheceu. Este trabalho ampliará as discussões acerca da temática das cidades e também trazendo um debate acadêmico sobre as formas que essas produções podem ser trabalhadas na construção de futuras pesquisas acadêmicas regionais.

As metodologias utilizadas para chegarmos aos objetivos desejados fizeram um levantamento das fontes, posteriormente leituras e análises dos textos e das imagens disponíveis na obra “*Histórias do rádio em Pombal*” (2014) do escritor e radialista pombalense, Clemildo Brunet de Sá, com respaldo na historiografia brasileira e local.

Desta forma, organizamos nosso estudo em três capítulos que demarcamos da seguinte maneira:

O primeiro capítulo, intitulado “**O rádio em Pombal, no sertão, sua importância, o surgimento**” traz uma breve discussão acerca do conceito de modernidade, destacando as diferentes perspectivas teóricas que analisaram as condições do modo de vida moderna, enfatizando as dinâmicas sociais e rítmicas existente no cotidiano das cidades. Trata do processo modernização dos espaços urbanos do Brasil a partir do final do século XIX e início do século XX, destacando as transformações acontecidas em diferentes cidades e regiões do país. Aborda o rádio no Brasil, com enfoque para a cidade de Pombal, considerando o rádio como sendo parte desse conjunto de transformações.

No segundo capítulo, intitulado “**As memórias do rádio a partir dos memorialistas locais**” é realizada uma discussão teórica acerca do que são essas produções memorialista no Brasil, buscando compreender quem são esses memorialistas e quais os tipos de fontes e documentos produzidos por eles. Aborda a obra *Histórias do rádio em Pombal* (2014) do escritor pombalense, Clemildo Brunet de Sá, analisando alguns os aspectos pontuados como sendo importante pelos memorialistas locais, buscando conhecer os fatos sobre a cidade e o rádio.

O terceiro e último capítulo intitulado “**O rádio na atualidade em Pombal**” aborda a função social do hoje na cidade de Pombal, pontuando as transformações ocorridas em seu conteúdo ao longo da sua trajetória. Analisam-se de forma breve as transformações estruturais passadas pelo rádio pombalense, desde as chamadas rádios difusoras até as emissoras FMs, com destaque para a música e a programação.

CAPÍTULO I

1-O RÁDIO EM POMBAL, NO SERTÃO, SUA IMPORTÂNCIA, O SURGIMENTO.

1.1 - Modernidade: algumas reflexões.

Neste capítulo, inicialmente, buscamos estabelecer algumas reflexões sobre o conceito de modernidade, como enfoque no Brasil, sobretudo, como pode ser pensado dentro de uma cidade de pequeno porte situada no sertão paraibano. Partindo desse pressuposto, lançamos um olhar acerca da historiografia da modernidade brasileira e local para que possamos problematizar e responder algumas inquietações sobre a utilização do rádio enquanto campo de estudo da História. Neste sentido, poderemos conhecer o contexto histórico que marcou a modernização de Pombal e identificar o surgimento do rádio como sendo fruto da modernidade e do avanço tecnológico que se alastrou pelo mundo a partir do final do século XIX e acentuando-se no início do século XX.

O contraste de leituras é um caminho que percorremos para que possamos nos aproximar e compreender os fatos históricos que cercam a discussão da modernidade e o contexto da vida moderna. Neste sentido, utilizamos os estudos de alguns teóricos que nos permitem adentrar na problemática relacionada ao fenômeno urbano, dinâmica social, ritmo e contradições.

De acordo com Marshall Berman (1982), em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, o conceito de modernidade pode ser entendido como um conjunto de experiências marcado pela contradição. Dito isso, o autor afirma, “É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades” (1982, p. 9). Para ele, a vida moderna se constitui em um ambiente cercado de aventuras. Neste sentido, o autor sintetiza “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor — mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos” (1982, p.11).

Para o sociólogo Georg Simmel (1973) ao investigar o advento da vida moderna no estudo intitulado, *A Metrópole e Vida Mental*, nos esclarece que esse novo estilo de vida em construção é marcado pela complexidade das contradições, justamente, impulsionadas pelo ritmo das transformações. Ao tempo em que esse ritmo alucina e deslumbra o indivíduo, ele também desperta sentimentos de medo e estranhamento.

Contudo, Simmel (1973) chama a atenção, principalmente, para o fator psicológico do indivíduo, partindo do pressuposto que a problemática estabelecida pelo modo de vida moderno o afeta diretamente. Nesse posicionamento, o autor faz uma abordagem que

contrapõe o modo de vida da cidade grande e o estilo de vida rural. Este segundo ponto, também pode ser associado ao ritmo de uma cidade de pequeno porte. Para o autor, ambas as situações desfrutam de características e ritmos próximos.

O autor ainda nos elucida que a cidade “moderna” ou, o processo de modernização das cidades, desperta no homem desejos e esperanças de uma vida melhor, ou seja, diferente daquela que ele experimentava. Desta forma, os movimentos migratórios se configuram intensamente nesse contexto. Justamente, porque o indivíduo é tomado por este sentimento.

Neste sentido, de acordo com Simmel, o indivíduo vê-se obrigado a se adaptar ao estilo de vida urbano, sobretudo, o modo de vida metropolitano que está pautado pela técnica moderna, veículos de comunicação e do transporte. Um dos pontos mais enfáticos do autor está relacionado à mentalidade do homem. Ele afirma que “a base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na *intensificação dos estímulos nervosos*, que resulta da alteração brusca e ininterrupta entre estímulos exteriores e interiores” (SIMMEL, 1973, p. 12).

O autor ainda tece algumas importantes considerações a respeito do modo de vida desencadeado na metrópole. Georg Simmel descreve:

O homem é uma criatura que procede a diferença a diferenciações. Sua mente é estimulada pela diferença entre impressão de um dado momento e que precedeu. Impressões duradouras. Impressões que diferem apenas ligeiramente uma da outra, impressões que assumem um curso regular e habitual e exibem contrastes regulares e habituais – todas essas formas de impressão gastam, por assim dizer, menos consciência do que a rápida convergência de imagens em mudança, a descontinuidade aguda contida na apreensão com uma única vista de olhos e o inesperado de impressões súbitas. Tais são condições psicológicas que a metrópole cria. (Idem. Ibidem).

Desta forma, a partir do pensamento de SIMMEL (1973), podemos perceber que a condição impulsionada pelo modo de vida moderno detém uma característica própria e específica da metrópole que exige do indivíduo inserido nesse contexto, uma adequação ao ritmo frenético da cidade. Esse ritmo pode ser entendido a partir de uma cadência acelerada e descompassada. Essa adaptação do homem associa-se muito a sua capacidade de enfrentar os problemas diários decorrentes da modernidade. Por isso, para o autor, a racionalidade é um dos princípios apreciados. Pois o racional em substituição ao fator emocional é capaz de fazê-lo sobressair e enfrentar as inerentes dificuldades da modernidade.

O filósofo Walter Benjamin em seu estudo *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* traz uma abordagem acerca das técnicas de reprodução partindo de dois elementos: o

primeiro consiste na utilização de obras de artes e o segundo, no cinema. Neste sentido, a intenção do autor a partir desses dois elementos é identificar as percepções dos indivíduos e as suas relações no mundo dito moderno.

Contudo, o olhar diferenciado de Benjamin (1975) não nos remete tão somente às transformações dos espaços urbanos, mas também enfoca as questões que envolvem esse novo estilo de vida dos indivíduos, bem como os fatores que cercam as formas de pensar dos mesmos. Conforme esboça o autor, “no decorrer dos grandes períodos históricos, com relação ao meio de vida das comunidades humanas, via-se, igualmente, modificar-se o seu modo de sentir e de perceber” (p. 14). Desta forma, o ritmo existente na metrópole modifica, de fato, a sensibilidade do homem. Para ele, a idéia de modernidade está diretamente associada tanto às transformações materiais quanto imateriais, ocasionadas pela experiência social do indivíduo.

1.2 – O processo de modernização no Brasil.

No Brasil, o processo de modernização acentuou-se mais precisamente nas primeiras décadas do século XX. Este período foi marcado por intensas transformações nos campos social, econômico e político. Essas alterações implicaram no crescente avanço tecnológico e também nas reformas dos espaços urbanos. No contexto da modernidade, o país experimentava introduzir-se na lógica do mundo “moderno”. Já que esses reflexos advinham de grandes cidades europeias, especificamente, Paris e Londres.

As cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo no início do século XX foram importantes objetos de análise das ciências humanas. Desta forma, ambas as metrópoles começaram a figurar como símbolo e representatividade da modernidade e modernização brasileira.

Saneamento básico, idéias de higienização, iluminação de ruas, casas e avenidas nas primeiras décadas do século passado. São algumas das ações que fizeram parte de um ideal de modernização pensado e imposto pela classe dominante brasileira. Contudo, esse projeto modernizador revelou-se bastante contraditório, pois se tratava de um conjunto de elementos que não atendia os anseios da sociedade como um todo, mas principalmente, para atender os interesses de uma burguesia. Neste sentido, na medida em que essas ideias iam sendo difundidas, eram colocadas em prática, especificamente, nas áreas centrais das cidades. A população menos favorecida que residia em bairros considerados periféricos estava ficando cada vez mais a margem das políticas públicas, tendo que conviver com epidemias, falta de empregos e violência.

Depois da década de 1930, o processo de modernização e a urbanização começaram a se intensificar nas cidades brasileiras, principalmente, nas capitais. Muito em função do desenvolvimento da industrialização, acentuando o movimento migratório. Esse movimento se espalhou pelo Brasil, consolidando-se até meados dos anos de 1950, dando indícios da sociedade que estava em emergência.

1.2.1 – O caso da região sul: São Paulo.

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo se configurava economicamente dependente da produção agrária, principalmente, do café. É importante frisarmos que nesse momento a cidade apresentava alguns problemas de ordem social, principalmente, no que diz respeito ao convívio diário com surtos e epidemias. Contudo, podemos afirmar que essa dificuldade não foi empecilho capaz de frear o processo de metropolização da mesma.

De acordo com SEVCENKO (1992) em seu estudo intitulado *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos anos 20*, as práticas cotidianas e a dinâmica cultural revelam aspectos importantes para que possamos compreender o processo de modernização de São Paulo. Elementos como a música, a dança e o cinema impulsionaram uma nova dinâmica social para os anos subsequentes da cidade, principalmente, em relação ao ritmo que estava se desencadeando na metrópole.

Neste sentido, a respeito do processo de metropolização da São Paulo, nas primeiras décadas do século XX, o autor, sintetiza a dificuldade em compreender a identidade social e cultural naquele momento. Segundo o autor, não existia uma padronização política e econômica, e muito menos social. Conforme Nicolau Sevcenko destaca:

“Não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem européia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical nem subtropical; não era ainda moderna, mas já não tinha passado” (SEVCENKO, 1992, p. 31)

A investigação realizada pelo autor nos revela cada vez mais os impasses decorrentes da modernidade. Para ele, a complexidade existente no processo modernizador da metrópole implicava até na capacidade do seu próprio habitante, sobretudo, nas ações diárias de significar e compreender os lugares e os espaços.

Estas ações podem ser constatadas mediante as experiências sociais dos indivíduos na vida “moderna”. Modificando e se constituindo a partir do compasso acelerado em que se estabelece o contexto da modernização dos espaços urbanos e que exigem do indivíduo uma adequação de comportamentos, dos nervos, hábitos, corpos e desejos do mesmo. Em outras palavras, na vida considerada moderna, a sensibilidade individual está em constante transformação.

Desta forma, a partir do estudo estabelecido por SEVCENKO (1992) podemos dar margem e profundidade nos que diz respeito aos enigmas e configurações presentes nas múltiplas facetas existentes em meio à modernidade da cidade de São Paulo.

Nos dias de hoje, São Paulo é a maior cidade do Brasil, uma das mais importantes do mundo. Talvez, a metrópole reúna todos os requisitos que a modernidade possa exigir, sobretudo, em sua complexidade e contradições. Em outras palavras, do vigor econômico à fome e a miséria, das grandes avenidas ao caos dos automóveis e dos habitantes e do fascínio ao medo.

1.2.2 – O caso da região norte: Campina Grande-PB.

Outro cenário da modernização no Brasil no século XX foi à cidade de Campina Grande. Contudo, devemos compreender que o processo modernizador nas cidades da região norte se desencadeou de forma diferente, apresentando uma conjuntura rítmica e social distinta das cidades da região, sobretudo, das metrópoles.

Essa ideia de modernização, quem nos esclarece é o historiador Gervácio Batista Aranha (2001), em sua tese denominada *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e Região – Tramas Político-Econômicas e Práticas Culturais (1880 – 1925)*, ao realizar investigação sobre a modernidade nas cidades da Paraíba e região. Neste sentido, o autor afirma o seguinte “Sim, a experiência moderna na região em estudo não se expressa em termos da vida metropolitana, a exemplo do que ocorre pioneiramente nas duas maiores cidades do século XIX, Londres e Paris” (ARANHA, 2001, p. 249). Em outras palavras, para Aranha (2001), mesmo considerando alguns aspectos não se pode haver uma comparação ou até mesmo uma associação da modernização desencadeada em cidades do norte em relação às metrópoles do Brasil e do mundo. Para justificar essa ideia, o autor, alega a existência de um descompasso enorme entre as cidades brasileiras em relação às metrópoles europeias acima mencionadas, sobretudo, aos limites físicos. Conforme sintetiza:

Considere-se o fato de que em meados do século XIX a população do Rio de Janeiro não atinge 200 mil habitantes e a do Recife não chega a 50 mil. Enquanto isso, Londres já é uma cidade com 2,3 milhões de habitantes, tendo Paris ultrapassado a casa de 1 milhão. E quando o Rio de Janeiro atinge 500 mil, na década de 1890, (...) (ARANHA, 2001, p. 253.).

Sobre a modernidade na Paraíba, Aranha (2001), vai nos dizer que em meados da década de 1910, dado a existência de alguns elementos “modernos”, a exemplo do teatro Santa Rosa, na cidade de Parahyba do Norte, especificamente, era pouco em relação ao que o mundo já apresentava como moderno. Sobretudo, na visão do próprio europeu, conforme o autor narra à visita de um viajante francês e que fez uma observação nada próspera em relação ao modo de vida naquele momento. Neste sentido, Aranha relata “tudo ali é marcado por um “silêncio quase religioso”, sem a ruidosidade da vida moderna” (2001, p. 259).

Ainda de acordo com Aranha (2001), as críticas ao modo de vida nas cidades na Paraíba não se restringiam tão somente do europeu. A própria elite das cidades, especificamente, os letrados, também demonstraram seus interesses e insatisfações através de crônicas, alegando que em outras capitais já existiam outras forma de divertimentos, a exemplo, de grandes festas. Sendo assim, o cotidiano daquela época era pautado e depende de um ou no máximo dois ícones da modernidade. Desta forma, o que nos leva a concordar com o autor, no sentido de, acreditar que as configurações da dinâmica social na Paraíba se opõem veementemente ao ritmo de vida imprimido nas grandes metrópoles do mundo, embora esse processo esteja conectado.

Segundo Cataline Alves Brandão (2013), os efeitos da modernização da cidade de Campina Grande nas primeiras décadas do século XX, se configuraram de forma lenta. Um dos principais fatos da modernidade campinense está relacionado à inserção da energia elétrica. Este elemento de fato somou consideravelmente para o progresso da cidade. O advento da luz proporcionou um alongamento da vida noturna, trouxe entretenimento em praças e bares, sobretudo, trazendo um “ar de segurança” para Campina Grande. Neste sentido, Brandão afirma “... tendo em vista que as ruas imersas na escuridão contribuem para a ação dos criminosos, assim como os atos de vandalismos praticados por boêmios que atravessam o perímetro urbano após seus divertimentos noturnos.” (2013, p. 244-245).

De acordo com Severino Cabral Filho (2010), a cidade de Campina Grande entre os anos de 1930 a 1950, vivenciou importantes acontecimentos que viriam a transformar o ritmo social da cidade, embora, o mesmo reconheça que algumas práticas cotidianas não sofreram alterações. Desta forma, diferentemente do impulso econômico acontecido em São Paulo em

virtude da produção cafeeira, o salto econômico de Campina Grande se deu em função da produção do algodão. Conforme sintetiza o autor:

A cultura do algodão comandou a economia local assim como exerceu forte influência sobre a vida cotidiana em Campina Grande durante a maior parte do período histórico para o qual estamos nos voltando, marcando esta sociedade e condicionando, sob vários aspectos, determinadas atitudes de moradores desta cidade (FILHO, 2010, p. 4).

A modernização de Campina Grande, assim como em outras cidades do Brasil, também foi marcada fortemente pelo ritmo das contradições, sobretudo, no aspecto arquitetônico da área central da cidade. Segundo Filho (2010), inúmeras casas foram derrubadas em nome desse ideal modernizador. Contudo, a grande maioria dessas residências era de pessoas humildes e de famílias carentes. Pois para a elite campinense daquela época as mesmas não representavam a idéia de “belo”, que é um dos traços do mundo moderno. Pelo contrário, eram tidos como ambientes inadequados. Outro aspecto importante nesse contexto é o fato dessa elite local ter o interesse em buscar limpar a cidade e explorar os imóveis.

Desta forma, identificamos que as características mais marcantes do processo de modernização da cidade de Campina Grande estão diretamente associadas ao seu desenvolvimento comercial e arquitetônico. Acreditamos que esses aspectos, atrelados a tantos elementos considerados modernos, alteraram o cotidiano e o ritmo da cidade.

Até aqui, podemos perceber que o processo de modernização ocorrido nas cidades brasileiras, sobretudo, nas primeiras décadas do século XX, embora estejam em regiões diferentes e marcadas por ritmos e dinâmica social distinta, desenvolveu características análogas.

1.3 - Pombal moderna: a cidade sob a perspectiva das transformações.

Antes de aprofundarmos as questões relacionadas à história do rádio pombalense, convidamos o leitor a conhecer alguns aspectos e condições da cidade de Pombal no início do século XX, sobretudo, entre as décadas de 1930 a 1940. Este recorte temporal se estabelece muito em função das transformações urbanísticas que a cidade vivenciava, além de configurar o período que antecede o surgimento da primeira difusora de rádio local. Embora as transformações decorrentes se caracterizem de forma tímida e lenta. Para o contexto do progresso e do cotidiano da cidade se consolida de forma significativa. Desta forma, compreendemos que a história da radiodifusão está diretamente inserida no contexto da modernidade.

Sendo assim, utilizamos imagens e a historiografia local, como forma de identificar e perceber a dinâmica social das transformações. Dito isso, mantemos diálogos com os

historiadores Flávio Carreiro de Santana e Helmara Giccelli Formiga Wanderley. Destacamos os trabalhos de ambos os historiadores, pois a partir deles obtemos informações e suporte para a compreensão dos aspectos que compõem a modernização de Pombal.

Pombal, uma cidade que está situada no interior do estado da Paraíba, para ser mais enfático, na região, que compreende o Alto Sertão. O município dista aproximadamente 390 km da capital João Pessoa. Crescendo e se desenvolvendo as margens do Rio Piancó/Piranhas. No início do século XX, Pombal, ainda respirava aparências de cidade provinciana.

De acordo com a historiadora Helmara Giccelli Formiga Wanderley (2009) podemos adentrar e refletir algumas questões acerca do contexto da modernização da cidade de Pombal. Em seu estudo, a autora nos traz a possibilidade não somente de vivenciar essas transformações. Mas de reviver o cotidiano daquela cidade que praticamente não existe mais. Desta forma, a autora diz:

Pombal configurava-se no início do século XX como um espaço bucólico, essencialmente rural, o que pode ser demonstrado a partir das informações do censo realizado na década de 1950. De acordo com esse levantamento, o município contava na época com uma população de 50.292 habitantes, dos quais somente 4.867 constituíam a zona urbana, enquanto 45.425 pessoas viviam na zona rural. (WANDERLEY, 2009, p.36).

Inicialmente, a partir das informações acima apresentadas pela autora, rapidamente somos tomados pela imaginação de uma cidade pequena e pacata. Um núcleo onde todos os habitantes provavelmente se conhecem e convivem pacificamente. É possível afirmarmos que se trata de uma cidade onde a base da economia está relacionada à produção agrícola, com destaque para a produção do algodão que historicamente fez parte do contexto econômico do estado paraibano, principalmente nas primeiras décadas do século XX. Sintetizando, podemos caracterizar a cidade de Pombal durante este período em sentido oposto ao progresso vivenciado pelas metrópoles do Brasil. Especificamente a cidade de São Paulo que utilizamos como ponto de referência no início deste capítulo.

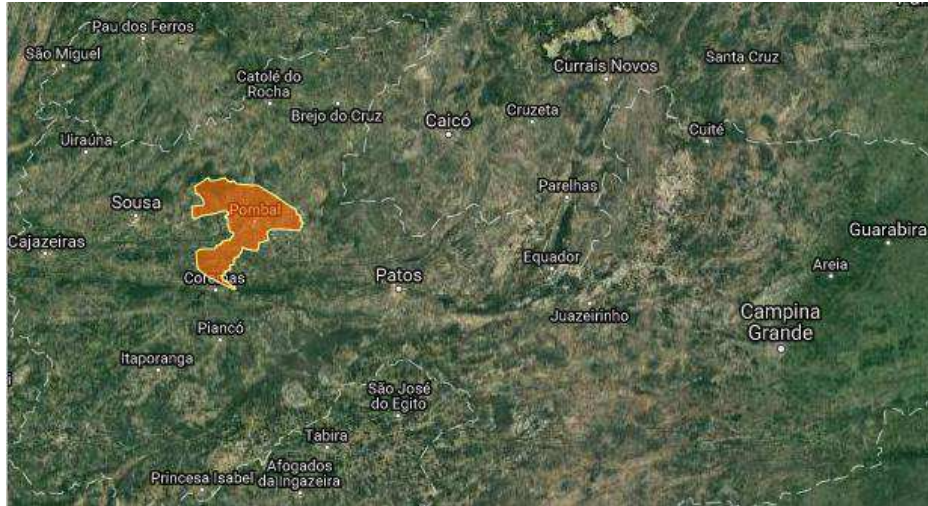


IMAGEM 1: Localização Geográfica de Pombal. Fonte: IBGE.

Ainda de acordo com Wanderley (2005), a cidade de Pombal, foi a “pioneiro entre as cidades do interior do Estado a implantar o sistema de energia elétrica, que foi introduzido em 1927”. Para a autora, este fato por si, já começaria a transformar a forma de pensar da população local, pois viver em uma cidade que tivesse disponível energia elétrica era motivo de orgulho. Possivelmente a iluminação disponível anteriormente ao advento da luz elétrica se caracterizava a partir de velas, lampiões e lamparinas.

“As pequenas cidades do interior receberam energia elétrica, nesse momento, através de motores instalados principalmente pelo poder municipal, sendo o serviço limitado a algumas horas da noite. O serviço de iluminação pública atendia, sobretudo segurança da cidade, no que diz respeito à manutenção da ordem e disciplina, como também da contra roubos das residências e casas comerciais” (ALMEIDA, 2012, p. 25).

Nessa perspectiva, Flávio Carreiro de Santana (2016), aprofunda as questões relacionadas à instalação da energia elétrica em Pombal. O autor atribui o papel principal da modernização da cidade ao então prefeito da cidade, comumente, chamado de Sá Cavalcanti. Ele descreve “O principal incentivador para este fato foi o prefeito Francisco de Sá Cavalcanti, nomeado pelo presidente do Estado João Suassuna, 1927” (2016 p 77.).

SANTANA (2016) ainda descreve sobre a atuação do prefeito Sá Cavalcanti, que para o autor foi bastante relevante para a inserção da cidade Pombal no contexto da modernidade. Pois o seu espírito empreendedor trouxe além da energia elétrica outros ícones da modernidade. Conforme discorre Santana “Acreditamos que o espírito empreendedor de Sá Cavalcante deveu-se muito a sua função de comerciante, pois o mesmo vendia tecidos, fazendas, chapéus, bengalas e objetos diversos, produtos só encontrados nos grandes centros” (2016, p. 77). A série de obras pensadas e executadas pelo então prefeito Sá Cavalcanti deu

uma visibilidade de cidade moderna, ou seja, afastando a caracterização de cidade provinciana do final século XIX.



IMAGEM 2: Primeiro Motor de luz de Pombal, instalado no ano de 1927. Prefeito Sá Cavalcanti e funcionários da empresa. Fonte: Arquivo de Verneck Abrantes de Sousa.

É importante ressaltar que o advento da energia elétrica na cidade não chegou de forma ampla, ou seja, para a população em geral, a iluminação pública, por exemplo, era instalada em lugares estratégicos, numa praça ou rua importante que pudesse coibir práticas abominadas pela população. Nesse período nem todo mundo poderia pagar as taxas da eletricidade.



IMAGEM 3: Fotos das autoridades locais na inauguração do motor de energia elétrica de Pombal, no início do século XX, localizado na estação da Luz Municipal. Entre as autoridades está o prefeito Sá Cavalcanti. FONTE: Acervo de Venerck Abrantes de Sousa.

Depois da instalação do primeiro motor de luz na cidade o ritmo de investimentos continuavam ainda sobre o comando do então prefeito Sá Cavalcanti. Nem mesmo as dificuldades relacionados à estiagem ou o pouco desenvolvimento freou a dinâmica da instalação de novos aparelhos ditos modernos.

O ano de 1932 é marcado por importantes avanços na modernização da cidade de Pombal. Foram introduzidos novos aparelhamentos e obras, a exemplo, da construção do primeiro prédio escolar do município, precisamente, no dia 09 de março de 1932.

Houve também, a instalação da indústria Brasil Oiticicas S/A. Segundo SANTANA (2016), Pombal reunia importantes requisitos para a instalação da filial, de fato, ocorreu. Única cidade do nordeste a receber a indústria do gênero. O autor ressalta a sua importância:

A importância da oiticica para Pombal era imensa. Em comparação, assim como Campina Grande despontava como praça de comércio para o algodão na região, Pombal servia como centro de referência para a fruta da oiticica, cujo destino final era a cidade de Fortaleza – CE, pelos trilhos do trem, que, mesmo tardiamente, também chegava à cidade no ano de 1932. (SANTANA, 2016, p. 81).



IMAGEM 4: Praça Getúlio Vargas construída entre os anos de 1938 a 1940, localizada no centro da cidade de Pombal. Fonte: Acervo de Verneck Abrantes de Sousa.

A partir da imagem é possível identificar uma padronização nas estruturas arquitetônicas dos prédios públicos e das casas ao redor da praça, principal ponto de referência da cidade. As ruas são longas e largas, talvez pelo fato de perceber em uma necessidade futura de espaços para a movimentação coletiva dos habitantes e participações em eventos públicos, também pode se caracterizar pelo gosto da população àquela época. Também é visível ao canto esquerdo da imagem, próximo à calçada das residências um automóvel estacionado.

Isso nos leva a identificar nesse período um conjunto de ícones oriundos da modernidade presente na cidade.

“Naquele instante, Pombal vivia um bom número de transformações materiais que acabaram compondo a sua modernização urbana, tais como a instalação da energia elétrica (sendo o primeiro gerador de luz do ano de 1927 e sua extensão a outras vias urbanas a partir de 1932), a chegada da linha férrea e do trem (1932), a construção do primeiro prédio educacional do município, denominado Grupo Escolar João da Mata (1932), a instalação da indústria Brasil Oiticica S/A (1932), a construção das praças Getúlio Vargas e Rio Branco, um coreto central nesta última e um açougue municipal (ambos iniciadas em 1936 e concluídas em 1940). (SANTANA, 2016, p.20.)

Aqui, buscamos apresentar a inserção de alguns ícones considerados moderno presente no cotidiano da cidade de Pombal, para que possamos refletir e contrastar com o ritmo e dinâmica social que permeava o desenvolvimento de uma metrópole. Como somos alertados anteriormente. Desta forma, acreditamos que a introdução dos símbolos acima mencionados por si só já teriam provado uma significativa alteração no ritmo da cidade. Por exemplo, com o advento da luz, os indivíduos passaram a dormir mais tarde, ou seja, a noite ficou mais extensa para a sociedade. Com a chegada da indústria de oiticica levantou-se a economia da cidade. Já as construções de praças conceberam aspectos de lazer e diversão para a população. Essas são algumas pontuações que podemos elencar, que de certa forma acabaram por contribuir para as transformações dos costumes, hábitos, forma de agir e pensar dos indivíduos na cidade de Pombal entre a década de 1930 a 1940.

1.4 - O início do rádio em Pombal-PB.

As transformações tecnológicas e comerciais no mundo seguiam a passos largos. Sob os reflexos dessas mudanças, a cidade de Pombal continuava se transformando, mas em ritmo ameno. O surgimento da radiodifusão local se deu no início da década de 1940. O rádio surge como signo ligado a esse conjunto de transformações decorrentes desde o século XIX. Consideramos que a radiodifusão em Pombal emerge tardiamente em relação ao processo radiofônico do âmbito nacional. Aproximadamente duas décadas após a primeira transmissão oficial realizada em território brasileiro.

Segundo Genival Severo de Queiroga, escrevente do Cartório do 2º Ofício e radialista há mais de cinquenta anos na cidade de Pombal, em seu artigo *Rádio Ainda Faz Escola*, tudo começou com a *Difusora Guarany*, pertencente a Manoel Bandeira, instalada no sobrado do prédio de Joaquim Assis, no ano de 1942, no centro da cidade. Os aparelhos eram importados de outros países. No caso da “Difusora Guarany”, a sua aparelhagem teria sido importado da

Inglaterra, entrando no estado da Paraíba através do porto de Cabedelo. Chegando a Pombal em dezembro do ano de 1941. Este Serviço de Alto Falantes tinham como locutores o próprio criador do sistema, Manoel Bandeira e Agu Rodrigues. Acerca dos primeiros anos de vida da radiodifusão local, Queiroga (2014) enfatiza:

Como se sabe, em toda cidade do interior os projetos de som eram colocados em cima do Mercado Público e na parte mais alta dos prédios comerciais existentes no centro da cidade. Ali se transmitiam em alto e bom som as propagandas das casas comerciais, tocando os mais recentes sucessos pelo centro da cidade. Era comum, algumas pessoas ficarem nas esquinas das lojas ou na Coluna da Hora para ouvir sua música predileta, uma vez que na época, não existiam radiolas ou sistema de som nos bares ou restaurantes. (QUEIROGA, 2014, p. 44).

De acordo com QUEIROGA (2014), é possível perceber uma significativa receptividade por uma parte das pessoas em relação à chegada da radiodifusão em Pombal. Nesse momento, de forma lenta e progressiva, a comunicação foi se estabelecendo conquistando o seu espaço, invadindo uma casa ali, outra lá. Construindo um ambiente favorável ao desenvolvimento do rádio.

Desta forma, podemos afirmar que os “Serviços de Alto-Falantes” foram os primeiros componentes na construção do contexto histórico da comunicação em Pombal. O pioneirismo ficou por conta da *Difusora Guarany*, levando informação e entretenimento para os ouvintes por meio dos seus programas. É importante contextualizar que processo semelhante ocorreu também em outras cidades, por exemplo, Campina Grande e Cajazeiras, que tiveram importante participação na história da radiodifusão paraibana. Conforme destaca o jornalista Gilson Souto Maior, em seu livro *Rádio: História e Radiojornalismo*:

As chamadas difusoras, com seus alto-falantes espalhados nas principais artérias das cidades, foram responsáveis pelo surgimento das emissoras de rádio nas cidades brasileiras, a partir do século XX. Após o surgimento da primeira emissora no Rio de Janeiro, a Rádio Sociedade, no ano de 1923, o veículo passou a ser a grande mania nacional. Enquanto não se conseguia a concessão para a instalação de uma emissora as cidades ficavam mais alegres com o funcionamento das difusoras. Campina Grande ganhou a primeira nos anos trinta, mais precisamente em 1938, sendo responsável pela grande novidade para a vida campinense, o senhor Jovelino Farias que passou a ser mais conhecido na cidade como “Gaúcho”. (SOUTO, 2015, pp. 34-35.).

As programações eram bastante diversificadas, iam das músicas ao entretenimento, das informações nacionais as informações locais. De acordo com QUEIROGA (2014), “os horários de funcionamento foram sempre de 09:00h às 11, das 15 às 18 e das 19:00h às

21:00h”(p. 44.). Muito em função de não existir um suporte econômico eficiente pelos serviços prestados e também pelo fato de nem todos naquela época dominar ou ter conhecimento sobre o funcionamento dos equipamentos. Em relação aos discos utilizados o autor vai nos dizer que eram fabricados de cera de carnaúba em velocidade de 78 RPM.



IMAGEM 5: Fotografia do disco 78 RPM, do compositor e músico brasileiro, Waldyr Azevedo, da marca Continental, sob a numeração: 16.050-B, Intitulado, Brasileirinho - choro, gravado entre os anos de 1949 e 1950. Imagem capturada no dia 07 de dezembro de 2016. ACERVO: Francimario Sales Rufino.

Como se sabe, naquela época não era qualquer pessoa que tinha condições financeiras de adquirir um aparelho receptor de rádio no Brasil. Em Pombal não era diferente. Primeiro, pelo fato, desses objetos serem importados de outros países, ou seja, o valor era considerado bastante alto para uma família de renda simples. Mas essa dificuldade não fez com o rádio parasse de avançar, muito menos impedia que as pessoas tomadas por curiosidade e admiração tivessem acesso ao mesmo. Existia uma prática muito comum que ocorria em todo o país nas primeiras décadas do século XX, na medida em que o rádio ia se estabelecendo, também crescia o número de ouvintes. As pessoas saíam de suas casas na tentativa de acompanhar a programação que estivesse sendo veiculada naquele horário. CALABRE (2002) conceitua esse movimento de “rádio-vizinho”, justamente, para encurtar e de suprir a distância de não ter condições de ter um aparelho.

É necessário considerar a participação de outros serviços de alto-falantes que ao longo da trajetória da radiodifusão pombalense fizeram parte do processo e que contribuíram para que caminhos se abrissem para a implantação das chamadas rádios AM e FM.

Na cidade, anteriormente, a chegada dessas emissoras de rádio, existiram os serviços de alto-falante denominado, *Difusora Tabajara*, no ano de 1954, funcionando com essa

nomenclatura por dois anos, sendo sucedido pela *Difusora Rádio Lux* em 1957. Conforme descreve, Genival Queiroga:

As agulhas eram descartáveis, de procedência americana, fabricadas pela RÇA Victor. Afonso Coelho Mouta (já falecido), sempre primava pela boa qualidade de som e a melhor discoteca da cidade. “Sempre atualizado com a música e por ser proprietário na época da Sorveteria Tabajara, instalou com equipamentos Phillips importado da Holanda, o Serviço de alto-falantes – Difusora Tabajara, do ano de 1954 até o ano de 1956. (SEVERO, 2014. P. 44)

Com o fim da *Difusora Rádio Lux*, surge a *Rádio Difusora Maringá*, no ano de 1961, segundo Genival Severo de Queiroga (2014, p. 44.), “pertencente ao Sr. Raimundo Gomes de Lacerda, o conhecidíssimo “Raimundo Sacristão”. Este potente serviço de som fixo, além de transmitir os anúncios comerciais, dava cobertura sonora na festa da Padroeira N.S. do Bom Sucesso, realizada antigamente no mês de setembro, ao lado da Matriz”. O funcionamento da *Rádio Difusora Maringá* se estendeu até o ano de 1964, período importante na história política do Brasil, ano do Golpe Militar, nesse período, muitas rádios foram fechadas e artistas censurados. “A Difusora Rádio Maringá teve como locutores: José Geraldo, Zeilto Trajano e Clemildo Brunet, que estreava com apenas 12 anos de idade, já demonstrando sua forte tendência para o rádio. A Difusora funcionou até 1964”. (QUEIROGA, 2014, p. 45.).

No decorrer do tempo surgiram outros sistemas que fizeram parte da vasta e sólida história da radiodifusão local, citando, o Serviço de Alto-falantes “*A Voz da Cidade*” no ano de 1966, pertencente ao radialista e escritor Clemildo de Sá Brunet, escritor da obra *Histórias do Rádio em Pombal* com a maior relevância sobre a radiofonia pombalense.

Acoplado com um pequeno transmissor de “OC”, este conceituado Serviço de Som pertencia ao jovem rapaz – Clemildo Brunet, que com apenas 16 anos já sabia reger a sua pessoa e administrar os seus bens. Este pequeno transmissor operava clandestinamente em ondas curtas na frequência de 3.722Klsc-faixa de 45 metros. (QUEIROGA, 2014, p. 45).

Este sistema de som teve a participação de importantes radialistas que fazem parte da história da radiofonia da Paraíba, sobretudo, em Pombal, a exemplo, de Eurivo Donato (em memória), que por muito tempo fez programas de rádio em Cajazeiras e cidades, o próprio Genival Severo e José Geraldo (em memória), são alguns nomes. O encerramento das atividades desse sistema de sonorização se deu “em setembro de 1967, em pleno período revolucionário, a Censura Federal descobriu essa emissora clandestina e imediatamente mandou tirar do “AR”” (QUEIROGA, 2014, p. 46).

Neste sentido, ainda, podemos citar o *Lord Amplificador*, que dentre os sistemas de Alto-falante talvez tenha sido o que durou mais tempo, iniciando suas atividades em 1968, indo até meados dos anos 80, segundo Clemildo Brunet, em seu artigo *Lord Amplificador 1968 a 1985*.

O Lord Amplificador surgiu da necessidade que Pombal tinha de um meio de comunicação, após a desativação da “Voz da Cidade” em 1967. Em fevereiro de 1968, o comunicador Clemildo Brunet, instalou no centro da cidade, o Lord Amplificador, cujo nome LORD, no sentido figurado de “elegante” e do inglês “Senhor”, que tinha como slogan: O Som Direcional da Comunicação e o mais perfeito serviço de alto falante, foi instalado inicialmente na Rua João Capuxú (rua estreita) passando depois a funcionar no Box 48 ao lado sul do Mercado Público. Era o único veículo de comunicação com o público na época. Em pontos estratégicos foram fixados os chamados projetores de som (cornêtas) de 20 polegadas. (SÁ, 2014, p. 65).



IMAGEM: 6: Projeto de som do Lord, na Praça do Centenário. Ao fundo da imagem está o prédio histórico da A.E.U.P. Onde atualmente funciona o Bar Centenário, ponto de encontro entre amigos e conhecidos. Disponível em _____ <<http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/search?q=LORD+AMPLIFICADOR>> Acessado em: 25/05/2017.



IMAGEM 7: Imagem, possivelmente, de um dos pontos do Lord Amplificador, instalado no prédio da Coluna da Hora, no centro da Cidade. Disponível em <http://clemildo-brunet.blogspot.com.br/search?q=LORD+AMPLIFICADOR>.

A partir das discussões até aqui apresentadas, foi possível perceber que o caminho percorrido pela radiodifusão não foi dos mais simples. Nesse aparece e desaparece de difusoras fica claro o quanto era complicado fazer rádio nas primeiras décadas do Brasil. Sendo assim, podemos afirmar que a história do rádio local começou com os antigos “Serviços de Altos Falantes” e não uma emissora de rádio no modelo que conhecemos hoje.

1.5 - Breve contextualização sobre o surgimento do rádio no Brasil.

Segundo Calabre (2004) “os primeiros anos de vida do rádio no país estiveram repletos de dificuldades, refletidas num constante surgimento e desaparecimento de inúmeras emissoras” (p. 12). Nas primeiras décadas do século XX, o rádio funcionava de forma amadora. Nesse momento, as emissoras não tinham uma fonte econômica fixada para os seus investimentos. A renda existente dependia de uma espécie de consórcio ou sociedade de pessoas interessadas a investir no segmento. Em outras palavras, cada um desses indivíduos contribuía com um valor mensal determinado.

Conforme Prado (2012), “No ano de 1919, na cidade do Recife (PE), um grupo de amadores liderados por Augusto Joaquim Pereira realizou experiências de transmissão por radiotelegrafia” (2012, p. 50.). Porém, a primeira experiência oficial do rádio no Brasil se deu no dia 7 de setembro de 1922, em virtude da comemoração do centenário da Independência do Brasil, ocorrido na cidade do Rio de Janeiro. Neste sentido, Lia Calabre sintetiza:

Entre as mudanças efetuadas na cidade do Rio de Janeiro, então capital federal, no início da década de 1920, com pretensões a romper, definitivamente, com o passado colonial, destaca-se a derrubada do Morro do Castelo, que cedeu lugar à construção de pavilhões onde foi instalada parte de Exposição Nacional, preparada especialmente para os festejos do Centenário da Independência Brasileira, em 1922. A extensão (e pretensão) dos festejos podia ser medida através da grandiosidade desses pavilhões: o país desejava mostra-se próspero, saudável, desenvolvido, e, acima de tudo, moderno. Assim sendo, não poderia haver momento mais propício para apresentar à sociedade brasileira uma das mais recentes novidades tecnológicas que encantava o mundo: o rádio! (CALABRE, 2004, p. 10).

Neste mesmo dia, foi transmitido o discurso do então Presidente do Brasil, àquela época, Epitácio Pessoa, marcando o início da radiodifusão brasileira. Provocando as mais variadas reações. Se por um lado tinha pessoas encantadas ao ouvir o ecoar da voz do presidente. Por outro lado, tinham aqueles receosos, com medo de abrir a boca e o som da sua voz sair nos altos falantes instalados no pavilhão principal. Segundo Calabre (2012, p. 10) “As transmissões, ainda que acompanhadas de muitos ruídos, espantaram e maravilharam as pessoas presentes, muitos dos quais imaginariam que estivessem presenciando algum tipo de truque”.

Vários autores consideram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, como a primeira emissora de rádio no Brasil, de fato. Surgida no dia 20 abril do ano de 1923. Ainda de acordo com CALABRE (2002), fruto das pretensões de Roquette Pinto e Henrique Morize. Nesse período, esses intelectuais enxergavam no rádio um instrumento propagador da educação e cultura para o país. Contudo, precisamos ressaltar que a radiodifusão brasileira não teve um caminho fácil. Era um caminho de incerteza, pelas desconfianças e, sobretudo, pelas inúmeras dificuldades financeiras nas primeiras décadas do século XX. Mesmo diante das dificuldades elencadas, acreditamos que, a “Rádio Sociedade” deixou um importante legado, não só como um marco histórico na trajetória da radiodifusão do Brasil. Mas também, como um ponto de referência para que outras emissoras pudessem emergir a partir daquele momento.

Em relação ao crescimento das emissoras de rádio nas primeiras décadas no Brasil. Lia Calabre em seu artigo, intitulado *A participação do rádio no cotidiano da sociedade brasileira (1923 – 1960)*, nos esclarece que nos primeiros dez anos de existência do rádio o crescimento se deu de forma lenta. Em virtude da legislação brasileira não permitir que as emissoras explorarem o lado comercial. Outro fator é caracterizado pelo alcance do rádio, nem todo mundo tinha condições de adquirir o aparelho receptor. Neste sentido, o rádio nos primeiros anos do século passado configura-se como coisa de elite.

De acordo com Magaly Prado (2012) a década de 1930 representou um período de novos horizontes para o rádio. A autora vai dizer que, “Foi quando muitas emissoras começaram a se espalhar pelo Brasil, fazendo com o que o veículo fosse reconhecido, principalmente por uma delas, a Rádio Nacional”. (p. 69). Nesse momento o rádio começou a desenvolver o suporte comercial, ou seja, receber investimentos a partir dos seus anunciantes. Como já foi dito, anteriormente a legislação proibia essa prática. Neste sentido CALABRE (2004) reforça a questão:

No início da década de 1930, a situação havia mudado o rádio se tornara um veículo mais popular. Em São Paulo (que oferecia os maiores salários do país) um aparelho de rádio custava em torno de 80\$000 e o salário médio de uma família de trabalhadores era de 500\$000 por mês. Em março de 1932, através do decreto Lei nº 21.111, o governo regulamentou e liberou a irradiação da propaganda comercial pelo rádio, reiterando que considerava a radiodifusão como um setor de interesse nacional com de finalidades educacionais. (CALABRE, 2004, p. 3).

Neste sentido, compreendemos que o rádio tem ligações estreitas com a modernidade, sobretudo, no Brasil. Acreditando que o mesmo sempre esteve diretamente associado às ideias de transformações, progresso e desenvolvimento. Dentre tantos ícones originários da modernidade, a exemplo, do automóvel, telégrafos, cinema e TV, o rádio conseguiu atingir uma grande quantidade populacional e ainda nos dias de hoje segue exercendo o seu papel. Ao longo da sua trajetória o mesmo contribuiu significativamente para a construção social do Brasil, formando opiniões, levando entretenimento e diversão aos lugares mais distantes se pudesse imaginar. Basicamente assim, se configura a história do rádio. Conforme destaca, Lia Calabre:

O rádio criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas, estimulou novos tipos de sociabilidade. Ícone de modernidade até a década de 1950, ele cumpriu um destacado papel social na vida privada como na vida pública, promovendo um processo de integração que suplantava os limites físicos e os altos índices de analfabetismo do país. (CALABRE, 2004, p. 7).

O rádio, desde o seu advento, se consolidou como um valoroso veículo de comunicação de massa. Um veículo que, ao longo do tempo, passou por profundas transformações e que nos dias atuais abrange as mais variadas classes sociais, nas esferas urbana e rural, principalmente, nas cidades interioranas. Considerando as discussões levantadas pelos historiadores/pesquisadores compreendemos que o rádio foi um importante

artifício da história nacional, possibilitando inúmeras formas de estudos e análises no campo possibilita historiográfico.

CAPÍTULO II

2-AS MEMÓRIAS DO RÁDIO A PARTIR DOS MEMORIALISTAS LOCAIS.

2.1 – Memórias históricas e literárias: uma reflexão sobre produção memorialista.

“Não há como negar a relevância da produção dos memorialistas para a história regional, sobretudo, se considerarmos que tal produção legou à historiografia regional um vasto manancial de fontes que, com metodologia apropriada, pode ser convertida em riquíssimas pesquisas sobre a memória regional” (SANTOS, 2009).

De acordo com Flávio de Godoy Carnielli (2007), esse gênero literário surge no Brasil a partir do final do século XIX, muito em função das transformações urbanísticas e tecnológicas emergentes. Esse gênero literário se consolidará nas primeiras décadas do século XX, até a década de 1960, justamente no momento em que estas transformações se configuram de forma mais acentuadas. Neste sentido, os “memorialistas” buscam realizar em suas produções leituras e registros da cidade. CARNIELLI afirma que “... tem na história da cidade seu principal enfoque e nas transformações do urbano sua principal razão de existir, visando, acima de tudo, preservar uma suposta memória das cidades” (2007, p. 34). Ainda conforme o autor são produções bastante diversificadas, que podem ser caracterizados através de imagens, palestra e textos, publicados em vários segmentos de informativos, como revistas, jornais, livros e álbuns.

“É uma produção desligada do ambiente acadêmico e realizada por pessoas que não freqüentaram uma faculdade “especializada” no assunto, mas que, no entanto, dispuseram se, por um motivo ou outro, a escrever a respeito de suas cidades. Área de atuação de amadores, já que escrever sobre o passado não necessariamente oferecia uma recompensa monetária, além de não ser a atividade principal de quem o realizava”. (CARNIELLI, 2007, p. 34).

Desta forma, Carnielli (2007), nos diz que, trabalhar com a produção de memorialistas não é uma atividade simples. Uma das primeiras dificuldades mencionada pelo autor é em relação à definição e ligação entre memorialista e historiador. Segundo CARNIELLI “ambos, memorialistas e historiadores, têm no passado sua matéria-prima, mas existe entre eles, especialmente no que se refere às práticas e objetivos, uma relação extremamente fluída, por vezes aproximada, por vezes distanciada” (2007, p. 30). Outro problema elencado refere-se ao próprio campo acadêmico, que por muito tempo “esqueceu”, de fato, ou deixou à margem, a

produção memorialista em relação à prática historiográfica. Talvez por compreender que esta forma de se escrever história não pertencia ou fazia parte desse campo do conhecimento.

Segundo o autor, é importante considerar os lugares, no qual esses intelectuais estavam inseridos, muito pelo fato dessas produções estarem associadas ao crescimento da cidade e seus fatos cotidianos. Pois durante muito tempo os memorialistas foram denominados e conhecidos como cronistas e historiadores regionais. Carnielli reforça a questão:

“(…) Eram ligados aos mais diversos Institutos Históricos do país, freqüentadores assíduos das reuniões e congressos de historiadores”. Em seus trabalhos, visavam obter a história da cidade, ou aspectos dela em sua totalidade, por meio de uma grande massa documental, analisada com forte influência da historiografia “tradicional”. (CARNILLE, 2007, p.30).

Ainda buscando aprofundar a conceituação da produção memorialista, cabe lembrar que, para Jackson Novaes Santos, no artigo, *Algumas considerações acerca da produção memorialística grapiuna* (2013), embora o conceito seja muito amplo, podemos compreendê-lo a partir de uma subdivisão ou por dois tipos de produção. No primeiro viés o autor classifica as narrativas cuja produção o escritor “participou” efetivamente dos fatos e eventos narrados. O segundo ponto refere-se à produção em que o memorialista desenvolve por ter conhecimento dos episódios, ou seja, estes escritos se fundamentam a partir da memória e história de terceiros.

Em linhas gerais, memorialistas podem ser entendidos por um grupo de indivíduos afeitos à história e à atividade da escrita e que se propõem a escrever geralmente sobre a história local, com temas relacionados, sobretudo, aos grandes fatos acontecidos na cidade, alternando conhecimento histórico e experiências vivenciadas estabelecendo uma ligação entre passado e presente.

Dessa maneira, ao lançarmos um olhar sobre a produção memorialista, assim como a produção historiográfica, acreditamos que ao narrar suas memórias, esses memorialistas apresentam a introdução do rádio em Pombal não da forma como o processo se deu, mas do modo como eles pensam, assim reveleando a sua importância para a cidade.

2.2. - Memorialismo e histórias do rádio: a produção.

Em Pombal, no que se refere à produção historiográfica acerca da história do rádio, consideramos que não há um acervo satisfatório. A documentação ainda é bastante limitada,

embora exista um caminho que possa ser percorrido. Neste sentido, destacamos a dificuldade de discutir e conseguir estabelecer um diálogo entre os fatos apresentados sem o apoio da historiografia acadêmica, no sentido de, que o surgimento do rádio local tem seus reflexos na história do rádio a âmbito nacional.

Os principais escritos sobre o rádio local estão publicados na obra *Histórias do Rádio em Pombal* (2014), fonte primária do nosso trabalho. Única produção que trata especificamente da temática, assim sendo, a obra de maior relevância neste sentido. Este livro reúne uma coletânea de narrativas em que o autor organiza e divide em três tópicos. A primeira parte está relacionada ao período das rádios difusoras, já o segundo momento apresenta o período em que as emissoras de rádios AM e FM começam a dominar a comunicação na cidade, e, por fim um conjunto de homenagens a grandes nomes do rádio pombalense. O autor busca abraçar um longo período da história do rádio na cidade que se estende desde a década de 1940, indo até os dias atuais, narrando fatos acerca da trajetória do rádio numa escrita tradicional pouco problematizada.

É possível perceber que o autor, Clemildo Brunet de Sá, tem estreita relação com a participação do rádio, não somente na cidade de Pombal, mas também, na Paraíba, pois trabalhou na cidade de Cajazeiras e também em outros veículos de comunicação, atuando como repórter, locutor, comentarista, redator e colunista, tendo a sua história radiofônica iniciada no ano de 1961, ainda nas conhecidas difusoras de rádio. Clemildo Brunet de Sá criou a sua própria emissora de rádio, intitulada de “*A Voz da Cidade*” e hoje se encontra aposentado dos microfones, dedicando o seu tempo a publicar textos acerca da história do rádio e da cultura pombalense em seu blog. De acordo com Brunet a maior relevância da sua obra se configura na possibilidade de outras gerações possam ter acesso à história da comunicação, do rádio e principalmente da cidade.



IMAGEM 8: Clemildo Brunet de Sá. Foto: Arnóbio Costa e Josivan Gomes. Disponível em: <<http://www.al.pb.gov.br/11285/alpb-entrega-medalha-merito-jornalistico-clemildo-brunet.html>> Acessado em: 25/05/2017.

Diante dessa produção memorialista pretendemos apontar uma possibilidade para discutir os temas relacionados à história da cidade de Pombal, com enfoque para as questões relacionadas ao rádio. No campo da historiografia, os estudos relacionados à temática do rádio têm crescido nas últimas décadas em diferentes aspectos. Contudo, um grande percentual desses trabalhos é direcionado para a política e a trajetória do veículo em si, mesmo considerando que esses trabalhos já acenem alguns elementos interessantes, devemos sintetizar outras possibilidades. Desta forma, buscamos observar o rádio como um ponto que possibilita abordar a sociedade em que vivemos e estudamos.

2.2.1 – Os primeiros anos do rádio: versões ou contradições?

Inicialmente, de acordo, com narrativas memorialistas acerca da história do rádio em Pombal é possível identificar a existência de uma determinada “divergência” de informações no que diz respeito ao surgimento daquela que viria ser a primeira experiência radiofônica a âmbito local.

Neste sentido, para alguns memorialistas locais, a exemplo, de Genival Severo e Maciel Gonzaga, em seus escritos *Radio ainda faz escola* e *Raimundo Sacristão: um pioneiro*, respectivamente, afirmam que o advento do rádio na cidade de Pombal se deu ainda na década de 1940, especificamente, no ano de 1942, com a Difusora Guarany que pertencia ao Sr. Manoel Bandeira, conforme sinalizam nos seguintes trechos:

Trecho 1:

“A história da radiofonia pombalense dista de longos anos. Tudo começou com a Difusora Guarany, pertencente a Manoel Bandeira, instalada no sobrado de Joaquim Assim no ano de 1942, indo até 1947. Os primeiros locutores foram: Agu Rodrigues e o próprio Manoel Bandeira”. (2014: 43)

Trecho 2:

“Começou com a Difusora Guarany, pertencente a Manoel Bandeira, no início da década de 40; depois aparece o Serviço de Alto-Falantes “Tupã” de propriedade de Rosil Cavalcante: em seguida o Serviço de Alto-Falantes – Difusora Tabajara, em meados da década de 1950, de propriedade de outro homem de bem, Afonso Coelho Mouta que depois mudou o nome para Difusora Rádio Lux, que permaneceu até a década de 60”. (2014: 47)

Contudo, em narrativa apresentada pelo memorialista, José Costa (2014: 19), em texto, denominado de *Ensaio histórico da radiofonia de Pombal*, revelam questões que “contradizem” as informações sintetizadas pelos relatos descritos pelos memorialistas anteriormente mencionados. Neste sentido, o autor descreve:

“Tudo começa nos anos 50, mais precisamente, em 51/52 com a chegada do então desconhecido compositor Rosil Cavalcante. Veio a Pombal para trabalhar como funcionário da Brasil Oiticisa S/A. Chegando à cidade, já trazia, dentro de si, a vocação e jeito para o rádio e assim, para as horas de lazer – sem objetivos comerciais – ele criou a própria difusora batizada de Tupi, que só tinha um horário de funcionamento, à noite, das 19 às 21 horas”.

Nesse trecho, é possível identificar que a narrativa construída por José Costa acerca dos primeiros passos da radiodifusão na cidade de Pombal apresenta o surgimento do rádio como sendo da década de 1950. Em termos, isso representa uma diferença de aproximadamente dez (10) anos entre as narrativas em análise. Desta forma, desconsideramos a possibilidade que, o advento do rádio na cidade tenha ocorrido somente entre os anos de 1950 a 1952, pois a historiografia local aponta que nesse momento a sociedade pombalense já desfrutava dos mecanismos cinematográficos. Conforme afirma Flávio Santana:

“Não menos decantado como maravilha moderna, e espaço vigiado, há uma outra conquista material na cidade: o surgimento do cinema na cidade, o Cine Lux, no ano de 1953. Este foi evocado com muito entusiasmo por nossos narradores. Tal cinema passou a se constituir como principal atrativo de lazer na cidade para todos os moradores locais, sem diferença de classes, raças, sexo e idade”. (SANTANA, 2016, p. 124).

Neste sentido, digamos que o autor tenha sofrido um “lapso memorial” em relação ao contexto histórico acerca do surgimento do rádio local. Dito isso, precisamos pontuar que essa

configuração é algo comum e natural no campo da produção memorialista. Um ponto que pode explicar essa questão é o “aparece e desaparece” corriqueiro de emissoras e difusoras de rádio. Uma característica bastante peculiar na história do rádio no Brasil, sobretudo, nas primeiras décadas do século passado. Nesse período é possível ser observado que quase a todo instante surge um novo modelo de estação radiofônica, aparelhamentos sofisticados e mais modernos mediante o avanço tecnológico.

Por outro lado, devemos enaltecer a utilização da expressão “sem objetivos comerciais”, que se configura como um elemento interessante dentro do contexto da radiodifusão brasileira, pois a referida colocação nos revela até certo ponto uma fundamentação e convergência com as primeiras ideias e pretensões do rádio no início do século XX a âmbito nacional, conforme já abordamos alguns aspectos no final do capítulo anterior. Aonde para alguns historiadores, a exemplo, de Lia Calabre que afirma que a história do rádio no Brasil teria começado com a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro no ano de 1923, onde o veículo de comunicação de massa, inicialmente, teria sido pensado sem objetivos comerciais, publicitárias e lucrativas, mas com finalidades educacionais e culturais. Nesse momento o que se desejava, principalmente, para a elite que comandava o nosso país era romper com o passado e tirar o Brasil do atraso social. Conforme nos esclarece a historiadora Lia Calabre:

“Entre as mudanças efetuadas com as pretensões a romper, definitivamente, com o passado colonial, podemos destacar a derrubada do morro do Castelo, que cedeu lugar à construção de prédios, ou melhor, de pavilhões, onde foram instaladas partes da Exposição Nacional. Na Capital Federal, a extensão (e pretensão) dos festejos podia ser medida através da grandiosidade destes pavilhões. O país desejava mostra-se próspero, saudável, desenvolvido, e, acima de tudo, moderno. Assim sendo, não poderia haver momento mais propício para apresentar a sociedade brasileira uma das mais recentes novidades tecnológicas que encantava o mundo: o rádio!” (CALABRE, 1996, pp. 52-53).

2.2.2 – As tensões políticas locais e a participação do rádio.

Segundo a historiadora Helmara Gicelli Formiga Wanderley (2009), ainda em sua dissertação, a cidade de Pombal, entre o final dos anos de 1940 até o início da década de 1950, se caracterizava como um lugar aparentemente tranquilo e sossegado, na medida do possível. Essas características são bastante peculiares de cidades pacatas, onde basicamente toda sociedade se conhece e se respeita.

Contudo, a autora ressalva a existência de algumas práticas que não condizem com os valores “éticos” e “morais” representados e exigidos por parte da elite que comandava a cidade naquela época, sobretudo, por se tratar de uma cidade pequena em ascensão com aproximadamente 5.000 habitantes, onde possivelmente quase todos os indivíduos obtinham informações dos acontecimentos locais, e, conseqüentemente comentam sobre os fatos ocorridos. Neste sentido, a autora reforça a questão:

“Nas ruas de Pombal, as pessoas conversam sem pressa. Nas calçadas acanhadas, donas de casa falavam baixo, “focavam da vida alheia”, certamente comentavam sobre os namoros escandalosos da noite anterior ou talvez sobre os atos libidinosos de algum homem ou mulher da vizinhança”. (WANDERLEY, 2009, p. 50).

De forma breve, podemos identificar que é nesse contexto que figurou a cidade de Pombal na década de 1940. Considerando que o rádio surge no ano de 1942, entendemos que os anos seguintes vão representar um período em que o veículo ganha um maior espaço e notoriedade, ou seja, o rádio começa a agir e exercer forte influência na dinâmica social da cidade, através da música, entretenimento e informação a partir de programas comandados por importantes radialistas da cidade, principalmente, entre a década de 1950 a 1960. Conforme o memorialista Maciel Gonzaga no seguinte trecho afirma “Nesse período grandes locutores se destacaram, entre eles, Jairo Mota, Ivânio, João Rapadura, Anchieta de Lourenço José, Raminho de Antônio Bezerra, José Geraldo, Maria Alice, Lucrecia Formiga e Jurandir Urtiga” (2014: pp. 47-48).

Dito isto, queremos aqui, analisar um aspecto que ao longo da trajetória do rádio, seja ela a âmbito nacional ou regional, ambos tem andado lado a lado, o aspecto político e participação do rádio, especificamente, em Pombal a partir de 1950.

Segundo o memorialista, Ignácio Tavares, em narrativa intitulada *Acorda Pombal 145*, ao descrever sobre o panorama político em Pombal e região, afirma que, “No início dos anos cinquenta, o cenário político de Pombal sofreu algumas alterações, no quadro das suas lideranças, devido à presença de novos atores, além dos já conhecidos”. (2014: p. 33). Neste sentido, podemos perceber que o autor não busca somente enfatizar aspectos políticos relacionados à conjuntura política partidária, tramas políticos, diálogos e sucessão de cargos. Porém, fica clara a tendência do autor em privilegiar e exaltar os nomes de importantes políticos locais. Conforme descrito no trecho a seguir:

Doutor Queiroga, velho prócer da política local, foi eleito prefeito tendo como vice o vereador, representante do então distrito de Lagoa, o senhor Francisco Vieira Pereira e ainda criou condições favoráveis para a eleição do médico Isaias para nos representar na Assembleia Legislativa.

De acordo com a narrativa, podemos afirmar que o contexto político da cidade no início dos anos de 1950, girava em torno de dois partidos, o PSD, Partido Social Democrático e a UDN, União Democrática Nacional, no município esses dois partidos eram comandados por tradicionais grupos familiares, que durante muitas décadas dominaram a política regional, e, também fazendo parte da construção do cenário político estadual, as famílias Carneiro e Pereira, respectivamente. É importante ressaltar que volta e meia esses grupos se alternavam na administração pública, isso acarretou num acirramento maior das disputas políticas locais.

Neste sentido, para Ignácio Tavares, é nesse contexto de tensão e clima de acirramento político que se instala na cidade de Pombal o Serviço de Alto-Falantes intitulado de Rádio Difusora “Tupã”, pertencente ao radialista Rosil Cavalcante. Considerado pelo memorialista os “agentes” responsáveis por provocar algumas determinadas alterações no cotidiano e na dinâmica social da cidade de Pombal naquele instante. Conforme narra, Tavares.

“Dessa forma, em pouco tempo, a Rádio Difusora Tupã passou a ser o centro das atenções e logo conquistou corações e mentes do povo da terrinha. Assim sendo, a audiência era simplesmente espetacular. Rosil Cavalcante tornou-se querido e admirado por todas as classes sociais, posto que, o seu relacionamento com público, assim como a programação jornalística e musical da Rádio Difusora Tupã, contribuíram para que ocorressem consideráveis mudanças no modo de ser e pensar, em grande parte da população. Os políticos ficaram de orelhas acesas, particular as espertas raposas da UDN. Dessa forma, não era apenas a programação musical e os comerciais que ocupavam os espaços da emissora. Isso porque de forma engenhosa o inteligente, o jovem empresário implantou um tipo de até então desconhecido pelo povo” (2014: p. 35).

Entretanto, a partir da análise da narrativa também podemos identificar que em determinando momento o autor não preocupou somente em mostrar os fatos decorrentes acerca do rádio por considera-los significativos ou relevantes. Mas, o autor deixa evidente a intencionalidade do memorialista de enaltecer e destacar a participação da sua família na construção do contexto que se desenhava na cidade naquele instante. Vejamos no trecho:

“Este jovem chamava-se Rosil Cavalcante. Para se estabelecer, queria um ponto bem central e próximo ao centro da cidade. Esse ponto foi cedido por minha família, exatamente onde hoje funciona o serviço de reparação e conserto de refrigeradores do sobrinho Jerdy Nóbrega de Araújo. O prédio

foi dividido em duas partes. Ao lado norte, funcionava a alfaiataria do nosso tio Lelé e ao lado sul, o estúdio da Rádio Difusora Tupã” (2014: p. 34).

Conforme a narrativa, após a instalação da Rádio Difusora Tupã, o formato do que as notícias estavam sendo veiculadas por parte da recém-criada emissora de rádio passou a contribuir para que as rixas políticas existentes tornassem cada vez mais incisivas, principalmente, por parte dos correligionários e simpatizantes ligados ao partido da UDN, pois os noticiários da Rádio Difusora Tupã quase que diariamente tecia críticas direcionadas ao governo do estado, na pessoa do Sr. Osvaldo Trigueiro, afiliado e pertencente à referida agremiação política, denunciando perseguições sofridas pelos aliados do PSD, na qual, o Sr. Rosil Cavalcanti simpatizava.

Nesse contexto histórico político a narrativa aborda um episódio que viria a marcar negativamente o cotidiano da cidade de Pombal, no seguinte trecho o autor versa:

“A política em Pombal, assim como acontece nos dias de hoje, sempre estava na ordem do dia. Em ambos os lados havia partidários apaixonados. As rodas de discussões eram frequentes e apimentadas com muitas futricas, envolvendo lideranças políticos do município. Entre tantos apaixonados, lembro-me do velho Sindô Gouveia, decano dos alfaiates da terra. Era um apaixonado pelo PSD. Um senhor de respeito, sorridente, brincalhão, de alegria transbordante, contagiante e por onde passava chamava atenção dos circunstantes. Por isso todo mundo admirava e gostava do velho Sindô ou Pai Dodô, como era chamado por filhos e netos. Acontece, que numa dessas discussões, o nosso saudoso Sindô falou alguma coisa que aborreceu o núcleo duro e zangado da UDN. Não deu outra, emboscaram Sindô, numa boca de noite e bateram sem dó nem piedade. A cidade ficou traumatizada e horrorizada com o nefasto acontecimento. Este ambiente de agressões a pessoas indefesas deixou Rosil Cavalcante bastante motivado, para dar ênfase ao jornalismo fundamentado nos acontecimentos da política local. Dessa forma, a questão do desrespeito à pessoa humana passou a ser a âncora do jornal diário Difusora Tupã. Centenas de pessoas acotovelavam-se em frente ao estúdio, para escutar os editoriais, que eram lidos antes do início do jornal de cada dias, escritos caprichosamente pelo editor do jornal” (2014: p.p 35-36).

Neste sentido, é possível identificar que no contexto político da década de 1950 na cidade de Pombal, muitas práticas, aspectos e características semelhantes do modelo político utilizado ainda na primeira república do Brasil permaneciam presentes. As manobras, arranjos e acordos políticos podendo ser constatadas, principalmente, a partir dos interesses daqueles que comandavam a cidade, os líderes locais, visando a sua manutenção no poder, acima dos interesses da sociedade, bem como dos próprios partidos no qual participavam.

2.2.3 – Lord Amplificador: saudade, histórias e memórias.

De acordo com narrativas memorialistas, é possível observar que, em Pombal, durante aproximadamente cerca de 20 anos, mais precisamente, entre as décadas de 1960 a 1980, “reinou” na comunicação da cidade o Serviço de Alto-Falante denominado de “Lord Amplificador”. Segundo, Clemildo Brunet, narrador e idealizador do referido serviço de sonorização afirma que, “O lord amplificador surgiu da necessidade que Pombal tinha de um meio de comunicação, após a desativação da “Voz da Cidade”” (2014: p. 65). Conforme, Genival Severo, esta estação de radiodifusão teria sido uma das mais importantes que existente na cidade, o autor destaca:

“(…) a verdadeira Universidade do Rádio pombalense surgiu em 1966, em plena época da jovem guarda, com a instalação do Serviço de Alto-Falantes “A VOZ DA CIDADE”. Acoplado com uma pequena transmissor de “OC”, este conceituado Serviço de Som pertencia ao jovem rapaz – Clemildo Brunet, que com 16 anos já sabia reger a sua pessoa a administrar os seus bens. Este pequeno transmissor operava clandestinamente em ondas curtas na frequência de 3722Klsc-faixa de 45 metros” (SEVERO, 2014, p. 45).

Segundo, a narrativa *Lord Amplificador 1968 a 1980*, o transmissor teria se instalado no mês de fevereiro do ano de 1968, na parte central da cidade, especificamente, na Rua João Capuxu, também conhecida como Rua Estreita, esse termo atribuído à rua se da em função de seu padrão se configurar de forma oposto a maioria das ruas da cidade, geralmente ruas longas e largas. É possível afirmar que, esta é das principais características do processo de radiodifusão brasileiro, ocupar as áreas centrais das cidades, seguindo a dinâmica do projeto modernizador pensado para o Brasil. Neste sentido, pode-se compreender como uma mecânica usada para conseguir atingir o maior número de pessoas possíveis.

Um ponto que me chamou atenção nessa análise está relacionado à denominação de “Lord amplificador”. Partindo do pressuposto, que todos os Serviços de Alto – falantes que antecederam o referido sistema de som tem suas intitulações vinculados a aspectos sociais do Brasil, a exemplo de, A Voz da Cidade, Difusora Tupã, Difusora Guarany e tantas outras denominações. Neste sentido, Brunet, afirma que o, “(...) nome, LORD, no sentido figurado de “elegante” e do inglês “Senhor” (...)” (2014: 65). Desta forma, podemos visualizar duas possibilidades na utilização do termo. O primeiro ponto, podemos compreender como uma possível estratégia do fundador de querer chamar a atenção da sociedade em apresentar algo diferente daquilo que a cidade já tinha conhecimento, a segunda possibilidade está relacionada

à influência de países do exterior, a exemplo, de Reino Unido e Estados Unidos, no diálogo cultural e comercial mediante a importação de aparelhos de rádio.



IMAGEM 9: Homenagem ao Lord Amplificador. Disponível em: <http://clemildo-brunet.blogspot.com.br>. Acessado em: 24/05/2017.

A partir da análise dos relatos memorialistas, é possível identificar que durante o período de funcionamento do Lord Amplificador importantes marcas foram legadas e deixadas por este serviço, para aqueles que fizeram parte do meio, bem como para a cidade, apontando história e despertando sentimentos de saudades e nostalgia. Neste sentido, apresentaremos alguns aspectos, fatos e episódios que consideramos relevante adentrarmos e que estão relacionados ao Lord Amplificador.

Na produção memorialista de Jerdivan Nóbrega de Araújo, importante pesquisador da história de Pombal, sobre a passagem do Lord Amplificador é possível observar que os fatos narrados por ele é marcado por uma nostalgia que flutua entre sentimentos de lembranças e saudades de um tempo que jamais poderá vivenciá-lo novamente, a não ser pelo exercício da memória. Na narrativa intitulada de *Ainda escuto a Difusora Lord Amplificador*, em sua abordagem o autor traz um série de acontecimentos que marca a sua vida no cotidiano da cidade de Pombal, deixando claro que a atuação da difusora contribui e participa efetivamente dos fatos, conforme podemos observar nas primeiras linhas dos relatos.

““Quando eu for em borá para bem distante e chegar a hora de dizer adeus” A difusora do Lord amplificador não dá tréguas aos meus ouvidos. Cada música ali tocada expõe em carne viva a saudade que arrebenta no meu peito, dilacerado pelo tempo e pela distancia” (Araújo, 2014, p. 81).

Outro ponto que podemos destacar na narrativa está relacionado ao momento em que o autor versa sobre as idas e vindas dos pombalenses, ainda que não descreva com clareza os fatos acreditamos que as memórias de Araújo estejam sendo remetidas aquelas pessoas e famílias que deixaram a cidade em função da estiagem comumente vivenciada pela sociedade pombalense, conforme descreve no trecho a seguir:

“Vejo com tristeza a saída de mais um ônibus da Aviação Gaivota, cheio de pombalenses a deixar tudo que era de seu para trás. O meu pai sempre dizia que não havia alternativa aos filhos de Pombal, senão embarcar no “bacurau”, só voltando uma vez a cada dois anos, na Festa do Rosário, para rever os amigos e parentes mesmo que fosse no Cemitério. – Há os que fazem questão de anunciar no Lord Amplificador que estão na cidade, mas têm também os que o Lord faz questão de anunciar a sua chegada à Terra de Maringá”

Contudo, ainda conforme narrativa, morar e viver na cidade de Pombal entre a década de 1960 a 1980 não era só melancolia, também tinha lá suas vantagens e comodidade, conforme é possível identificar nesse outro trecho.

“A vida simples e boa da minha cidade, onde eu tinha tempo de sentar em um batente apenas para ouvir uma nova música de Roberto Carlos, faz de mim um homem preso ao passado. A sombra das algarobas me traz lembrança do som de um “bozó” a tilintar em um copo de alumínio e ser jogado, não antes sem assoprar, em um tabuleiro de Ludo, onde eu e mais outros companheiros matávamos o tempo, ao som da difusora do Lord Amplificador de Pombal: o Som Direcional da Comunicação” (2014, p. 82).

Já na narrativa, intitulada de *Lord amplificador e as reminiscências do carnaval*, o autor busca destacar o papel das difusoras no entretenimento da cidade, nesse relato, especificamente, um abordagem acerca do carnaval na cidade de Pombal. Inicialmente, Clemildo Brunet, faz uma discussão sobre a história do carnaval, como surge e suas ligações com a Igreja Católica antes de adentrar na atuação, de fato, do Lord amplificador. Segundo a narrativa, o carnaval é considerado a maior festa do mundo e no Brasil, o mesmo se configura de acordo com as características de cada região.

Na década de 1970, o carnaval na cidade de Pombal era considerado um dos mais importantes do sertão paraibano. A festa era caracterizada pela participação dos blocos carnavalescos, conforme podemos menciona Brunet (2014: 76) “O Formigão, Bloco do Sujo, Fuleragem, Caga-Fogo, Brasinha, Descarados, Antártica e o Fôiará que só saía às terças-feiras à tardinha”. Sobre o bloco Fôiará, o autor descreve.

“O Fôiará foi um bloco idealizado por Marcos Antonio Junqueira, técnico de rádio, mais conhecido como “Mastôe”. Era formado por pessoas pobres, não podiam pagar uma fantasia e por isso se vestiam de folhas de mato para desfilar ao redor das Praças Getúlio Vargas e Centenária. À noite não participava dos bailes noturnos, no entanto, na sua exibição trazia alegria para o centro da cidade. É o único bloco que ainda hoje, entre um carnaval e outro faz o seu percurso na festa de momo em Pombal” (BRUNET, 2016, p. 76).

Neste sentido, é nesse contexto que destacamos importância da participação do Lord Amplificador no carnaval da cidade de Pombal, pois entre durante um longo período foi o responsável por animar e reproduzir as marchinhas e as músicas carnavalescas.

*Em mil novecentos e setenta,
Quando a Pombal retornei,
Vi que algo havia mudado E logo observei.
Um Lord Amplificador,*

*Na cidade eu encontrei
Um homem conceituado,
Atendendo todas as demandas,
Com uma simples difusora,
Fazia as propagandas Do comercio de Pombal,
Com capacidade tamanha!*

*Era você Clemildo Brunet.
Que eu ainda nem conhecia,
Mas sabia admirar,
Tudo que você fazia.*

*Com sua simplicidade
Conquistou a radiofonia.
E por ser um grande mestre,
Rico de experiência,
A outros radialistas,
Fez provar a eficiência.*

*Nos trabalhos realizados,
Com maior número de audiência.
Tendo Genival Severo, Dorival e Orácio Bandeira,
Naquele Lord Amplificador*

Maria de Lourdes Pereira de Araújo

Na obra fica evidente o destaque para a atuação do Lord Amplificador, num total são cinco produções memorialistas voltadas para a história da difusora, cuja ênfase está relacionada à participação dos próprios escritores. No livro, a emissora ocupa o espaço das páginas 65 a 84, são exatamente 18 páginas apresentando fatos nesse contexto.

2.2.4 - Vozes do rádio: encantos e admiração.

Falar sobre a história do rádio em Pombal e/ou em outro lugar, certamente, é também lembrar e relacionar os nomes de personagens em que determinada época só se escutava a voz a frente de um programa, os locutores. Este grupo de profissionais ao longo do tempo contribuiu para o desenvolvimento da cidade, atraindo anúncios e principalmente proporcionando estabilidade para o meio.

O locutor, para atingir excelência na interpretação de um texto, necessita, antes de mais nada, analisar com cuidado este texto, identificar para que foi escrito, o que quer dizer, a que público se destina, de que forma quer dizer; e, a partir da plena compreensão de todos estes elementos, iniciar o processo de atribuir vida ao texto: sensação de tempo real e presente; contemporaneidade, a mensagem está sendo comunicada aqui e agora, de uma pessoa para a outra, simultaneamente impregnada de sabores, texturas, cheiros, sons, tons, cores, espaços, volumes, pulsações, tempos, imagens, sentidos, intenções, fantasias etc. Somente com a junção efetiva de todas as capacidades técnicas, intelectuais, cognitivas, psicológicas, sensitivas, emocionais etc, é que irá transformar o indivíduo em um comunicador na área de locução. (SANTOS, 2002, p. 27)

Ainda hoje, os locutores, tem grande responsabilidade nesse universo midiático do rádio, principalmente, na atração de ouvintes, onde os ouvintes são livres para escolher e escutar os programas dos locutores que preferem e admiram.

Compreendemos esta relação como uma mão dupla, ou seja, uma está ligada diretamente a outra. Tornando-se peças fundamentais e que fizeram do rádio o veículo mais importante de comunicação de massa por muito tempo.

Neste sentido buscamos alguns apontamentos do historiador Antonio Clarindo Barbosa de Souza, em seu livro, *História da mídia regional: o rádio em Campina Grande*, “As pessoas que ouviam rádio não eram consideradas apenas compradores em potencial, eram ouvintes, admiradores, desejantes da mesma vontade de fazer parte daquele mundo tão sensacional que as ondas eletromagnéticas transmitiam” (2006 pp. 47-48).

Na cidade de Pombal existiram importantes serviços de sonorização, mas aqui me reporto novamente ao serviço de alto-falantes “*Voz da Cidade*”, que teve atuando em sua programação importantes locutores, segundo leituras, cito José Geraldo, Zeildo Trajano, Eurivo Donato e o próprio Clemildo Brunet, além de tantos outros nomes que também tiveram a sua respectiva importância em determinado momento da história radiofônica. Preciso destacar que antes mesmo de me interessar pelo o estudo da temática do rádio, tive a oportunidade de conhecer e conviver alguns das pessoas dos nomes mencionados.

Neste sentido, é importante enfatizarmos que o rádio pombalense revelou importantes profissionais não somente para a cidade, mas para todo o estado da Paraíba. Aqui buscaremos apresentar alguns trechos de narrativas que citam os nomes de locutores, radialistas e repórteres que não ocuparam lugar de destaque na história do rádio, mas que deixaram as suas contribuições.

Trecho 1:

“Servindo também como laboratório, revelou vários talentos para o rádio paraibano: Zeilto Trajano (Alto Piranhas e Arapuã); Calos Abrantes (Correio e Tabajara); Eurivo Donato (Piranhas e Rádio Difusora de Cajazeiras); Maciel Gonzaga (Caturité e o Jornal da Paraíba) Macilon Gonzaga (Caturité e Borborema); Genivan Fernandes (Caturité); Otacílio Trajano (Correio da Paraíba); Juarez Farias (Espinharas); Genival Severo (Maringá, Bomsucesso e Liberdade) e Clemildo Brunet (...)” (Costa, 2014, p. 32).

Trecho 2:

(...) Durante o tempo de sua permanência, produziu profissionais: José Cezário de Almeida (Rádio Maringá), Massilon Gonzaga (Rádio Caturité) João de Sousa Costa (Jornal Correio da Paraíba), Gregório Dantas (Rádio Bomsucesso de Pombal), José Barbosa Coelho, Evilásio Junqueira (TV Borborema) e seu irmão Evandro Junqueira (Magrão do Lord, hoje som propagandas), Sérgio Lucena (FM-98-João Pessoa), Bertrand Chaves (Rádio Arapuã, hoje opção 104 FM) (QUEIROGA, 2014, p. 46)

Segundo Severo (2014) “A Voz da Cidade” conseguiu atingir importantes números de audiência, o que na época, entre 1964 a 1968, por ter sido totalmente natural. “Clemildo sempre se preocupou com a atualização dos sucessos e talvez por ninguém nunca mudava de sintonia. Todos os Programas foram campeões de audiência”. (SEVERO, p. 46).

Contudo, precisamos pontuar que em Pombal ou em qualquer outro lugar o rádio não chegou com esse potencial de influência sobre a população e os ouvintes, tampouco os locutores. Isso se configurado e garantido no dia a dia, na certeza de ter havido, também, fracasso de audiência. Souza (2006) afirma que, “Sucesso e fracasso dependiam dos ouvintes. Não tinha patrocinador que resistisse aos baixos índices de audiências”. É neste sentido que, compreendemos a relação entre rádio, locutor e ouvinte.

CATÍTULO III

3-O RÁDIO NA ATUALIDADE EM POMBAL

3.1 – A função social do rádio.

Como se sabe, desde o seu advento o rádio assumiu durante muito tempo o papel de protagonista na construção da sociedade brasileira. Principalmente, nas primeiras décadas do século XX. Roquette Pinto, considerado “pai do rádio” no Brasil, inicialmente, pensou o rádio como “missionário” que levaria Educação e Cultura para a população, sem fins econômicos, fundando a “Rádio Sociedade”, no ano de 1923. Neste sentido, Maria Inez Pinto (2004) reforça a questão:

“Nos seus primórdios, o rádio brasileiro era feito por pequeno número de pessoas, uma elite interessada nos seus aspectos técnicos e/ou com objetivos fundados claramente em diretrizes educativas e a difusão da “alta cultura”. O rádio seria, então, o instrumento privilegiado para educar e “civilizar” o povo brasileiro, embora suas características apresentassem um viés bastante improvisado, atravessando uma serie de experiências díspares. Os princípios educativos estavam relacionados a um difuso projeto nacionalista e civilizatório que se propunha conduzir ao progresso da nação” (PINTO, 2004, p. 141).

Em linha geral, a principal função do rádio era difundir idéias educativas e culturais para a sociedade. Podemos considerar a “Rádio Sociedade” como uma espécie de “espelho” para as emissoras que estavam emergindo no Brasil. A “Rádio Sociedade” foi por muito tempo o modelo a ser seguido no processo de radiodifusão brasileira. Contudo, PINTO (2004) vai dizer, “A análise de fatos jornalísticos, audição de música erudita, a leitura de romances e poesias não atraíam número grande de ouvintes”. (p. 142), mesmo o rádio sendo uma grande “novidade” nas primeiras décadas do século XX, essa característica inicial não satisfazia os desejos daqueles que tinham acesso ao mesmo naquele momento. Era preciso que o rádio se desenvolvesse e ampliasse a sua programação.

A partir do ano de 1930, o rádio passa a ganhar um novo caráter em sua função social, através do Decreto nº 21.111, permitindo que a radiodifusão começasse a explorar anúncios e publicidades. Desta forma, assumindo um papel importante no desenvolvimento econômico, não só das emissoras, mas também, no crescimento industrial e econômico do país. A partir de então, emissoras AM se transformam num dos principais veículos de comunicação de massa do país, atingindo limites territoriais inimagináveis.

Contudo, com o advento da televisão e internet a pergunta que surge é, até quando o rádio sobreviverá? Não podemos afirmar até quando o rádio continuará a desenvolver o seu papel. É certo que ao longo dos anos o rádio perdeu um grande de espaço, muito em função do avanço tecnológico que a cada dia se configura mais forte e evidente no cotidiano da sociedade. Contudo, é possível afirmar que o rádio segue essas transformações.

Conforme o que foi dito, acreditamos que alguns fatores condicionam a permanência do rádio no atual contexto da sociedade brasileira. Um ponto que podemos levar em consideração está relacionado à própria questão do território do nosso país, pois o Brasil e suas dimensões territoriais aproximadamente se equivalem a um continente. Desta forma, pelo rádio se configurar como um dos meios de fácil acesso e de mobilidade relativamente satisfatória em relação à TV entendeu que esse fator contribui nesse sentido. Outra questão, que é possível ser apontada é o contexto social do Brasil, especificamente, pautado nas condições socioeconômicas dos grupos sociais brasileiros se encontrarem em situações financeiramente opostos. Neste sentido, considerando a distribuição de renda, para algumas famílias é mais viável adquirir um aparelho de rádio do que, por exemplo, possuir um computador ou notebook, onde para ter acesso à internet precisa pagar uma determinada mensalidade, diferente do rádio que é necessário somente sintonizar numa certa frequência. Outro elemento que condiciona que mantém a permanência do rádio na atualidade está configurado no seu conteúdo, através da música e informação. A música condiciona sentimentos, desperta desejos, reflexões e alimenta sonhos, a partir dos mais variados gêneros musicais, a exemplo, do forró, rock, funk, pop, MPB, reggae enfim, a música permite um leque de possibilidades, até porque o Brasil é muito vasto culturalmente. No campo da informação, podemos afirmar que o rádio é fortemente caracterizado pela informação a nível local, ou seja, prioriza os acontecimentos da cidade, e, neste sentido, a informação falada e comentada não segrega o público alvo, por exemplo, como acontece no informativo escrito, pois nesse modelo exige-se do leitor um grau de formação.

Neste sentido, o rádio, desde a sua primeira aparição no Brasil, mesmo enfrentando diversas dificuldades tem cumprido um papel bastante relevante na construção social brasileira. Como já mencionamos a partir do rádio a população fica sabendo dos fatos a âmbito local até internacional. Também pode ser divertir com brincadeiras de perguntas e respostas sobre famosos, fatos históricos e charadas. Essas são alguns aspectos que condicionam o rádio como um objetivo eficaz, ou seja, cumpre seu papel de forma diversa, sem distinção de classes sociais, etnia ou cor.

3.2 – Dos sistemas de alto-falantes a atuais emisoras FM's.

Hoje em Pombal, o que existe são ramificações inspiradas por modelos surgidos no início do século XX, as difusoras são quase inexistentes, pois com o advento da modernidade e conseqüentemente o avanço tecnológico. Os aparelhamentos que cercam a mídia de forma geral se modernizaram, aqui especificamente, o rádio. Esses aparelhos ao longo do tempo começaram a receber toques de leveza e sofisticação. Nesse contexto, destacamos o surgimento e a utilização dos mais variados recursos tecnológicos impulsionados pelo crescente investimento das indústrias desse segmento, para que desta forma alcança-se os seus objetivos. Por exemplo, a sociedade não precisaria necessariamente se descolar das suas casas por um motivo ou outro, para acompanhar as celebrações religiosas. Partindo do pressuposto de que na atualidade a maioria das residências da cidade de Pombal tem a disposição aparelhos de rádios e outros veículos de comunicação que exercem tal função, citando os exemplos, do celular e as transmissões online.



IMAGEM 10: Imagem da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Pombal, Paraíba, o único sistema de alto-falantes da cidade em funcionamento. Fotografia tirada da Praça Getúlio Vargas, no dia 13 de março de 2017, disponível em meu arquivo pessoal.

Desta forma, é possível compreender as marcas deixadas pelos Serviços de Alto-falantes que existiram na cidade de Pombal. Identificando parte da importância do papel desenvolvido por cada um desses sistemas radiofônicos. Mediante a participação desses sistemas, que nos leva acreditar que o caminho para a implantação da primeira estação de

rádio na cidade não que tenha se tornado mais fácil, mas enfrentaram menos dificuldades em relação às difusoras.

Estas emissoras que estavam em processo de surgimento tinham a sua disposição equipamentos mais modernos em comparação aos Serviços de Alto-falante. Mas, é preciso levar em consideração que por muito tempo estes sistemas foram os grandes agentes responsáveis e transmissores de informações, entretenimento e diversão aos ouvintes de Pombal e região.

Segundo Gilson Souto Maior, ainda em seu livro *Rádio: História e Radiojornalismo* “A Rádio Maringá AM, na frequência de 1490 kHz, pertencente ao Grupo Pereira, foi inaugurada em 03 de abril de 1982 e logo passou a ser conhecida como a “Caboclinha do Sertão” (SOUTO, 2015. P. 177)”.

Na narrativa, *Maringá: Ainda lembro-me dela*, Clemildo Brunet, nos apresenta importantes ponderações sobre a instalação da primeira emissora de rádio em Pombal:

“Rádio Maringá de Ltda, foi a pioneira na história de nossa cidade a ser registrada no Departamento Nacional de Telecomunicações do País. Sistema convencional da radiodifusão comercial, ondas médias, ZYI 180, frequência 1490 kHz, amplitude modulada 1000 watts de potencia na antena; um empreendimento do deputado estadual Francisco Pereira Vieira, que tinha, como sócios, o deputado Federal Adatao Pereira, estadual Aécio Pereira e o engenheiro eletrônico Paulo Pereira Filho, (todos em memória)” (BRUNET, 2014. p. 115).

É importante ressaltar que a rádio já estava em constante funcionamento, pois toda instalação serviços de alto-falantes ou de emissora, as mesmas passam por sua fase experimental, ou seja, uma fase de testes antes de haver o momento solene em que se marca a inauguração de forma oficial, conforme podemos constatar:

“A Rádio Maringá de Pombal foi ao ar pela primeira vez no dia 15 de dezembro de 1981, início do período experimental até o dia 1º de março de 1982, quando deu início sua programação normal, antes da data de sua inauguração. Não era mais possível esperar o dia da inauguração, pois a fase experimental ultrapassara três meses e meio. O dia da inauguração da Rádio Maringá estava dependendo tão somente da agenda do Governador de então, Tarcísio de Miranda Buriti, convidado especial para prestigiar o evento” (BRUNET, 2014, p. 116).

No dia da inauguração, segundo Brunet (2014) “a cidade estava em festa, era dia de sábado, dia de feira livre em Pombal. Muitas pessoas que residiam na zona rural começavam a visitar a sede da emissora localizada Rua Cel. José Fernandes nº 499, centro da cidade”. Neste

sentido, José Alves Nóbrega, em seu artigo *Foi numa leva que a Cabocla Maringá*, refere-se à citada emissora.

“Na época se fazia tudo, produzir, dirigir e apresentar era tarefa unificada, assim sendo foi ao ar o programa Clube dos Artistas, apresentado por mim e pela inesquecível Valdecira Barbosa (Decira). O Lord Amplificador realmente foi uma grande faculdade de comunicação para muitos, logo aprendi um pouco e procurei novos desafios, chegando assim a nossa querida e eterna Rádio Maringá de Pombal – A Caboclinha do Sertão” (NOBREGA, 2014. p. 119).

A partir desses fatos, acreditamos que nesse momento começava a ser escrita uma nova página na história da radiofonia pombalense, pois, até então, não existia meio de comunicação na cidade regular, no sentido de explorar a mídia radiofônica, ou seja, a liberação de forma oficial. Neste momento, as pessoas da cidade passam a enxergar de forma diferente, uma cidade ainda mais moderna, pois em outras localidades já existiam as emissoras regulamentadas, ou seja, a cidade estava se equiparando a Cajazeiras e outras cidades da Paraíba, no quesito, emissora de rádio, conforme, ainda em seu artigo, BRUNET (2014, p. 117) nos diz “a fisionomia das pessoas que transitavam pela cidade deixava transparecer alegria estampada em seus rostos. Todos felizes com a implantação da primeira estação de Rádio oficializada em nossa cidade”.

No final da década de 1980, a Rádio Maringá, estava definitivamente estabelecida como emissora de rádio e a cada dia que se passava conquistava mais seguidores e ouvintes. Essa situação se configurou muito em razão de ter em seu quadro locutores carismáticos, como Genival Severo e Gregório Dantas, que por muito tempo foram líderes de audiência.

O fim das atividades da *Rádio Maringá*, enquanto estação de rádio AM se deu no ano de 2003, em virtude das rádios FMs estarem surgindo e conseqüentemente chegando a um número maior de ouvintes. A modulação FM, naquela época proporcionou e permitiu ao rádio atuar e desenvolver suas funções com melhor qualidade de áudio e som qualidade de som e também melhores qualidade técnica, ou seja, uma sonorização nítida e limpa. Também contribuiu para o fim das atividades da emissora um incêndio nas dependências da emissora, ainda hoje, não se sabe as verdadeiras causas do sinistro. Conforme pode ser constatado através de Decreto Legislativo que trata da concessão para a emissora continuar explorar o serviço de radiofusão por vinte anos (20), na Câmara dos Deputados, sob o Nº 1.162/2004 e no Senado Federal sob o Nº 1.399.

“A Rádio Maringá de Pombal Ltda., executante do serviço de radiodifusão sonora em Onda Média (OM), com sede na cidade de Pombal, Estado da Paraíba, requer renovação do prazo de vigência de sua concessão, cujo termo final ocorrerá em 2 de dezembro de 1997. 2. Mediante Decreto nº 80.485, de 3 de outubro de 1977 (DOU 4-10-77), foi autorizada Concessão a Rádio Maringá de Pombal Ltda., para explorar por 10 (dez) anos o serviço de radiodifusão sonora em Onda Média, na cidade de Pombal, Estado da Paraíba. 3. A outorga em apreço foi renovada por 1 (uma) vez, conforme Decreto nº 97.700, de 27 de abril de 1989 (DOU 28-4-89). 4. Cumpre ressaltar que durante o último período de vigência da outorga, a entidade foi advertida por infrigência ao disposto no art. 55 do Regulamento dos Serviços de Radiodifusão, por decisão do DNFI/MC, conforme consta do Proc. nº 29122.0000383/90. 5. A interessada encontra-se com suas transmissões suspensas desde o mês de dezembro/90, em razão de ocorrência de um incêndio que danificou seus estúdios. A entidade por esse motivo obteve várias autorizações para permanecer fora do ar e continua ainda com prazo até 12-12-1998, para colocar a emissora novamente em funcionamento”.

Na época o ocorrido teria chamado bastante atenção da população, Conforme nos diz Clemildo Brunet:

“No dia 11 de agosto de 1990, a Rádio Maringá foi incendiada, destruindo parte de seus equipamentos. Como resultado desse sinistro ela fica fora do ar durante oito anos. Retornando as suas atividades em 1998, para em 2003 ser retirada do “ar”, e até hoje se encontra dessa maneira (Desativada). O advento das rádios FM's a Pombal sufocou as finanças da emissora AM, que teve de fechar suas portas”.

Outro marco importante na trajetória da radiofonia pombalense foi à instalação de outra emissora de rádio, intitulada *Rádio Bonsucesso*. Segundo SOUTO (2015, p. 178) “a Rádio Bonsucesso AM-1180 é outra emissora das mais tradicionais da região sertaneja”. Antonio Carneiro Arnaud, médico e ex-prefeito da capital paraibana, em seu artigo *Rádio Bonsucesso: uma história verdadeira de luta e amor* também nos apresenta aspectos importantes para a conquista e instalação dessa emissora, fruto de muita luta.

“Com esse firme e leal propósito e desde algum tempo, sempre lutei para Pombal obter mais uma estação de rádio transmissão. Observava à época, e cheguei a constatar que as cidades de Patos, Sousa e Cajazeiras, também localizadas no nosso sertão, na mesma região onde Pombal se situa todas elas tinham duas e até três estações de rádio, e, assim indagava a mim mesmo: por que Pombal apenas possuía uma emissora de rádio, ou seja, a Rádio Maringá? Na condição de Deputado Federal colaborei decisivamente para a redemocratização do País. Participei com meu voto para a eleição do inesquecível Tancredo Neves para Presidente da República. Ele foi o grande brasileiro das Minas Gerais que, lamentavelmente não assumiu o cargo maior de Chefe de nossa Nação, pois, com o seu brusco e lastimável falecimento, aquele insigne posto foi ocupado pelo Vice-Presidente José Sarney. Nessa memorável marcha cívica o Brasil iniciava o seu retorno ao regime democrático pleno, pelo que o Congresso Nacional, de igual forma, restabelecia a escolha dos Prefeitos das Capitais dos Estados através do voto

direto e secreto. Com essa conquista histórica e memorável, em 1985 fui eleito Prefeito da cidade de João Pessoa. Não obstante as minhas inúmeras atividades e preocupações inerentes ao cargo para o qual fui eleito, isso não fez arredar o meu ideal voltado para o bem estar e progresso da minha terra natal. Assim sendo, e aproveitando as inúmeras viagens que fiz a Brasília, ali mantive entendimentos pessoais com o Senhor Ministro das Comunicações, Dr. Antonio Carlos Magalhães, líder baiano recentemente falecido. A ele expus o meu desejo de contemplar Pombal com mais uma estação de rádio transmissão. Prontamente, convencido de minha exposição de motivos a ele feita, o Senhor Ministro, convencido das minhas razões expendidas, determinou à sua assessoria que me fornecesse todas as instruções a fim de podermos nos habilitar àquela pretendida concessão de serviço público, meu velho sonho a favor da terra de Maringá. Regressando a João Pessoa, iniciei todas as providências ao preparo da documentação indispensável às exigências legais pertinentes. Dentre elas, a primeira foi a constituição, no dia 26 de fevereiro de 1986, de uma sociedade comercial com a finalidade de explorar aquela concessão ou permissão de serviço público a favor da cultura paraibana, a ser outorgada por ato dos Poderes Públicos federais, de modo à efetivação da relevante prestação de tais serviços de radiodifusão sonora, em onda média e frequência modulada, na minha sempre querida cidade de Pombal” (ARNAUD, 2014, pp. 91-92).

No dia 09 de abril de 1988, a cidade teve a tão desejada inauguração da Rádio Bonsucesso entrando de vez para a história do rádio em Pombal, desenvolvendo importantes atividades para a sociedade pombalense. Conforme respalda Antonio Carneiro Arnaud:

“No dia 9 de abril de 1988 a inauguração da Rádio Bonsucesso de Pombal foi realizada, cujas instalações foram abençoadas pelo nosso inesquecível amigo, Padre Solon Dantas de França, então vigário da paróquia de Pombal. Na ocasião aconteceu uma bonita e significativa festa popular com as presenças de autoridades e de diversos amigos. Para animar e abrilhantar tão significativo evento, o cantor Capilé fez um show e na solenidade de inauguração também estava presente a Banda de Música 5 de Agosto, da Prefeitura de João Pessoa. Após o ato inaugural, um almoço foi oferecido para todos os convidados no Maringá Campestre Clube daquela cidade. Em 18 de maio de 1988, o sócio Raphael Carneiro Arnaud, tendo sido nomeado Desembargador do Tribunal de Justiça da Paraíba, antes de assumir aquele honroso cargo, desligou-se da mencionada sociedade transferindo suas cotas para o Sr. Francisco Antonio Correia Carneiro. No Diário oficial da União, edição de 10 de agosto de 1993, foi publicada a autorização de transferência da concessão do mencionado serviço, em razão da cessão da maioria das cotas da Rádio Bonsucesso, para um outro sócio cotista. Esta é a real história da criação, instalação, inauguração e funcionamento da Rádio Bonsucesso de Pombal. Fiz questão de citar datas, fatos e, até mesmo, certos detalhes dos acontecimentos para que não paire nenhuma dúvida sobre a veracidade da concessão de funcionamento da Rádio Bonsucesso” (ARNAUD, 2014, pp. 94-95).

Em seguida, surge a Rádio Liberdade FM, no dia 02 de outubro, do ano de 1993, Através dos interesses dos deputados Luiz Clerot, deputado Federal e Levi Olimpio, deputado estadual. Neste sentido, Clemildo Brunet, nos diz em sua narrativa *Rádio Liberdade FM*

96.3MHz – 1993, “de um sonho de dois políticos (Luiz Clerot e Levi Olímpio), surgiu à ideia da concessão de mais uma emissora FM para Pombal”. BRUNET (2014) ainda enfatiza “inovadora, a Liberdade 96 FM desde seu começo fez uso de uma linguagem dinâmica e irreverente que foi fundamental para carimbar sua trajetória de sucesso”.

Na cidade, ainda existem instalados em postes, especificamente, no centro da cidade as famosas caixas de som que por muitos anos fez parte do cotidiano pombalense, levando entretenimento e informação às pessoas que por ali transitavam, principalmente, nos dias de sábado. Ocorre que este dia da semana aglomera o maior número de pessoas na cidade, dia da tradicional feira livre, havendo deslocamento dos residentes da zona rural e também pessoas de outras cidades polarizadas na região. Conforme ressalta Souto:

“Bem organizadas, com excelentes roteiros musicais, bons locutores e com um bom número de anúncios publicitários, as difusoras têm o seu público e aqueles que anunciam o seus produtos e acreditam numa mídia tão simples. E nós, ouvintes, que andamos nas calçadas da vida, nas ruas de qualquer que seja a cidade, escutamos e gostamos” (SOUTO, p. 34.).

É importante destacar que o potencial dessas caixas de som é menor em relação aos alto-falantes. Este sistema se encontra em estado de abandono, com visíveis marcas de danificações e ferrugem adquiridas ao longo do tempo. É possível observar a partir da imagem a seguir:



Imagem 11: Imagem das caixas de som instaladas em poste no centro da cidade de Pombal, este sistema pertencente a Rádio Comunitária 104 FM, localizado próximo a Praça Getúlio Vargas. Imagem capturada no dia 13 de março de 2017.

Atualmente, existem quatro emissoras de rádios na cidade. Além das três mencionadas, funciona a *Rádio Opção 104.9 FM*, inaugurada no mês de janeiro de 2001, rádio comunitária. Esta abrange um público teoricamente menor, pois funciona somente no perímetro urbano da cidade de Pombal em relação às demais emissoras que tem um alcance maior. O seu horário de funcionamento começa as 06h00min às 22h00min todos os dias.

É importante ressaltar que todas emissoras existentes na cidade hoje, são FMs, pois a Rádio Bonsucesso está atualmente em fase de migração para FM. Isso nos leva acreditar que diante da necessidade de acompanhar o desenvolvimento moderno e as necessidades da sociedade, o rádio precisou se tornar mais dinâmico, funcionar através dos celulares e via internet.

A FM fazia parte de uma estratégia de interiorização da radiodifusão. O alcance reduzido de suas ondas possibilitava instalação de emissoras em todos os municípios, principalmente nas áreas de “silêncio”, aquelas não atingidas pelas AMs (DEL BIANCO; MOREIRA, 1999, p. 191).

Neste sentido, não bastava somente investir na qualidade das aparelhagens do rádio, era preciso mais que isso. Sendo assim, destacamos a habilidade e a inteligência daqueles que comandavam as emissoras, por exemplo, para melhorar o desempenho da audiência nesse momento, alguns se utilizaram de pesquisa de opinião pública a fim de identificar o que os ouvintes estavam desejando escutar, conforme sintetiza Clemildo Brunet.

“A grade de programação da emissora foi elaborada pelo radialista Clemildo Brunet, com base em pesquisa de opinião pública juntos aos ouvintes, durante o período de fase experimental da emissora que foi de três meses. De dezembro de 1981 a Fevereiro de 1982. (...)” (SÁ. 2014. p. 110).

De acordo com narrativa, *Maringá: ainda me lembro dela!*, sobre a programação da Rádio Maringá teria sido aceita de forma bem amistoso pelos os ouvintes. Seria uma programação bem diversificada, abordando aspectos culturais com a narração de crônicas ao vivo, programas voltados para nostalgia e a saudade, além de um programa exclusivamente dedicado ao forró.

Por estas e outras necessidades o rádio teve de se adequar para continuar sobrevivendo e enfrentando as dificuldades imputadas pelos novos veículos de comunicação midiática que emergiram ao longo da sua história, a exemplo, da televisão.

Neste sentido, compreendemos a importância que cada emissora teve ao longo da sua trajetória e que nos dias de hoje prestam relevantes serviços, fundamentais para toda e qualquer cidade, especificamente, Pombal, na abordagem da informação, na cobertura de eventos, no entretenimento e/ou na música.

Compreendemos o rádio como um prático e valoroso veículo de comunicação, além de ser de fácil, conforme já esclarecemos no início do presente capítulo. Então, o rádio, pode ser escutado no carro viajando, ouvir através do celular, no quarto ou na cozinha, entre outras inúmeras possibilidades que nos é permitido e nos faz acreditar que este instrumento relevante para a vida humana seguirá firme no cotidiano das cidades e na vida dos indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao longo da construção da nossa pesquisa foi possível perceber o quanto contraditório é viver no mundo dito “moderno”, sobretudo, por compreendermos que a modernidade é um processo cheio de rupturas e continuidades. Como se sabe, as transformações nos campos social, econômico e político que se alastraram pelo mundo entre o final do século XIX e início do século XX, impulsionaram o advento e a expansão tecnológica, além de acelerar o processo de urbanização dos espaços urbanos. Essas configurações vieram a marcar profundamente a vida humana, mudando a forma de pensar e agir, os costumes e hábitos dos indivíduos. Nesse contexto, podemos identificar como as transformações ocorridas nas grandes metrópoles europeias, a exemplo, de Paris e Londres, refletiram significativamente no Brasil. Sobretudo, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

No processo de modernização e urbanização do Brasil foi possível identificar uma diferença nas dinâmicas sociais e rítmicas, considerando as especificidades de cada região e da cidade. Desta forma, inicialmente, verificamos que o ritmo das transformações acontecidas na região sul se desenvolveu de forma mais rápida em comparação com a região norte. Sendo assim, podemos afirmar que em determinadas cidades brasileiras o processo modernizador, bem como o avanço tecnológico foram se desencadeando a partir de um compasso acelerado, ou seja, apresentou uma dinâmica rítmica difícil de ser acompanhada, sem que os indivíduos sofressem deslumbramentos e transtornos. Para outras localidades as mudanças se configuram mediante a um ritmo lento e ameno, sem tanta euforia, corre-corre e sem tanto impacto, especificamente, este segundo caso pode ser pensado e comparado à cidade de Pombal, enquanto algumas cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX já desfrutavam de grandes inovações tecnológicas, a exemplo, do telegrafo, automóvel e cinema, a pacata cidade do sertão da Paraíba lutava para instalar a energia e luz elétrica, o que, de fato, só vem a ocorrer no final da década de 1920.

Nesse contexto, no Brasil, compreendemos o surgimento do rádio como sendo parte desse conjunto de inovações tecnológicas que o mundo estava conhecendo. Desta forma, podemos afirmar que, desde o seu advento o rádio se consolidou como um dos principais veículos de comunicação de massa. Um veículo que enfrentou as dificuldades sociais, econômicas, políticos, ultrapassando as barreiras territoriais, alcançado as demais regiões brasileiras.

Em Pombal, podemos assegurar que o advento do rádio local aconteceu tardiamente, se pensarmos que a primeira aparição do meio de comunicação para a população brasileira se deu na década de 1920, especificamente, no ano de 1922, no centenário da independência do

Brasil. Na cidade de Pombal, vai ocorrer no ano de 1942, ou seja, duas décadas depois. Assim, como ocorreu a âmbito nacional, o rádio local, também conviveu com inúmeras dificuldades, financeiras e estruturais. Ao analisar o rádio, percebemos também que, com o passar dos anos e o surgimento de novos recursos tecnológicos, a exemplo, da televisão, do computador, do celular e da internet, houve uma decadência do veículo, perdeu espaço e audiência. Contudo, podemos atestar que, o rádio continua presente e vivo no cotidiano da sociedade, principalmente, nas regiões sertanejas, é o caso da cidade de Pombal.

A discussão principal desta pesquisa foi o estudo da história do rádio no Brasil, especificamente, na cidade de Pombal, com o objetivo de mostrar as histórias e memórias da cidade e do rádio a partir da análise da produção memorialista local, presente na obra, *História do rádio em Pombal* (2014), do autor Clemildo Brunet de Sá. Neste sentido, foi possível perceber que durante muitos anos a história das cidades ficou a cargo desses “historiadores”, como assim, eram conhecidos e chamados, e, ainda hoje algumas pessoas ainda os chamam. Conforme a pesquisa, geralmente, eram médicos, advogados e engenheiros que se propuseram a desenvolver tais atividades.

A historiografia não negou a importância dos relatos memorialistas, mas por muito tempo deixou a margem das discussões acadêmicas a utilização desses escritos enquanto fonte de pesquisa. As narrativas produzidas pelos memorialistas regionais são comumente utilizadas enquanto suporte bibliográfico pelos historiadores, ou seja, uma espécie de fonte secundária. Conforme, ao longo do trabalho podemos identificar que geralmente são jornais, artigos, fotografias, imagens e livros.

No Brasil, é possível afirmar que a produção memorialista se caracterizou pela necessidade de se contar e narrar os fatos considerados “importantes” ocorridos na cidade. Principalmente, nas primeiras décadas do século XX, onde a todo instante acontecia um fato novo, um novidade tecnológica ou a inauguração de alguma obra, em função do processo de modernização e transformação dos espaços urbanos. Neste sentido, este grupo de profissionais sentia necessidade de registrar os acontecimentos. Também, foi possível identificar a partir dessas produções, relativos problemas de escrita, a exemplo, de erros ortográficos, imprecisão de informações, tendência dos fatos apresentados, além da ocultação de fontes.

Contudo, é importante destacarmos que mesmo havendo algumas falhas pontuais, sejam elas intencionais ou não, acreditamos que a produção memorialista é bastante relevante em relação às discussões que cerca a temática das cidades, apontando outros caminhos e outras possibilidades de problematizar novos estudos.

REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, J.M.V; NASCIMENTO, F.A; PEREIRA, L.L. Pelas ondas do rádio: a trajetória da radiodifusão no Piauí na década de 1960. In: **XXII Simpósio Nacional de História – ANPUH**, João Pessoa, 2003, p. 1-7.
- ARANHA, Gevácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: Tramas político-econômica e práticas culturais (1880-1925)**. Tese (Doutorado em História) – UNICAMP, Campinas. 2001.
- AZEVEDO, L.C. **Na sintonia do tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1946)**.-Dissertação (Mestrado em História Social das Idéias) Universidade Federal Fluminense, Niterói, Rio de Janeiro, 1996.
- AZEVEDO, Lia Calebre de. **No tempo do rádio: Radiodifusão e Cotidiano no Brasil. 1923-1960**.-Tese (Doutorado em História) Universidade Federal Fluminense - UFF, Rio de Janeiro-RJ, 2002.
- BARROSO, Livia Moreira. Histórias e memórias do rádio picoense: o “Correspondente do Interior” por seus locutores. In: **Temática**, v. 10, n. 7, 2014, 57-75.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução. In: _____.**Os Pensadores**. -São Paulo: Abril Cultural, 1980, 12-34.
- BRANDÃO, C. A. LUZ ELÉTRICA EM CAMPINA GRANDE: MELHORAMENTO URBANO NA TEIA DOS JORNALISTAS E CRONISTAS. In: **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos da Cidade**, 2013, p. 1-15.
- BRASIL. Decreto-lei nº 1.399, de 3 de dezembro de 2004. **Diário oficial do Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – DF OS: 19250 / 2004**.
- CABRAL FILHO, Severino. Modernização, cotidiano e cultura material em Campina Grande – Pb (1930-1950). In: **ANAIS SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, São Leopoldo, RS. 2007, p. 1-7.
- CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- CARNIELLI, Flavio de Godoy. **Gazeteiros e urbanistas: história, memória e trajetória de três memorialistas urbanos de Campinas**. Dissertação de Mestrado: UNICAMP-Instituto de filosofia e ciências humanas. Campinas, 2007.
- DEL BIANCO, Nélia R.; MOREIRA, Sônia Virgínia (org.). *Rádio no Brasil: tendências e perspectivas*. Rio de Janeiro/ Brasília: Editora da UERJ/ Editora UnB, 1999.

- GOMES, Adriano Lopes. As narrativas orais na reconstituição da memória radiofônica: um estudo de caso. In: **CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2005, p. 1-15.
- JORGE, Sônia. A Implantação do Rádio no Brasil e sua Relação com os Projetos de Inserção do País na Modernidade. In: **Revista Caminhos da História**, v. 5, n. 1, 2009, p.01-24.
- JUNQUEIRA, Helmara Giccelli Formiga Wanderley. **Os impactos da modernidade na cidade de Pombal entre os anos 1930 – 1945**. XXIII Simpósio Nacional de História – ANPUH, Londrina, 2005, p.1-8.
- Maior, Gilson Souto. *Rádio História e Radiojornalismo*. União. 2015.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. **O Rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Rio Fundo, 1991.
- PINHEIRO, Elton Bruno Barbosa. O novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital. In: **Culturas Midiáticas**, v. 8, n. 1, 2015, p. 229-235.
- PRADO, Magaly. **História do rádio no Brasil**. Livros de Safra, 2012.
- SÁ, Clemildo Brunet de. **Histórias do rádio em Pombal**. A União, 2014.
- SANTANA, Flávio Carreiro de. **Pombal Moderna: Cidade, memória e oralidade (1930 – 1950)**– Sorocaba: Recanto das Letras, 2016.
- SANTOS, Jackson Novais. Vestígios do “Lugar Social” na escrita dos memorialistas.- Disponível em: http://www.uesc.br/eventos/ciclohistoricos/anais/jackson_novaes_santos.pdf>. Acessado em: 21/09/2017.
- SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e sons do Rio. In: _____. **História da Vida Privada no Brasil; República: da Belle Époque à era do Rádio**. V. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, 513-619.
- _____, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SILVA, Paulo Ricardo Muniz; JUNIOR, João Batista Vale. Ondas Invisíveis que atravessam o tempo: História e Historiografia do Rádio no Brasil. In: **II Encontro Nordeste de História da Mídia**, 2012. p.1-18.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, 11-25.
- SOUZA, Antônio Clarindo B. (Etal.) **História da mídia regional: o rádio em Campina Grande - Campina Grande**: EDUFCEG/EDUEPB, 2006.
- THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: Uma teoria social da mídia**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

WANDERLEY, Helmara Giccelli Formiga. **Cotidiano, cultura e Lazer em Pombal: as contradições do Progresso.** (2009). Dissertação (Mestrado em História) – UFCG, campina Grande. 2009.